

Arvorei-o em alfaiate, cousa que muito o surpreendeu, e enviei-o a tomar medida ás calças do sova. Talhei depois as calças, que foram cosidas pelo velho Antonio, e levaram 5 jardas de algodão largo! Este rei é um verdadeiro hipopotamo, mas muito boa pessoa.

No dia 20 de manhã, veio um enviado do sova dizer-me que, por ser então a epocha em que festejam uma especie de carnaval, o sova, para me fazer honra, viria ao meu campo mascarado, e dançaria diante de mim.

Pelas 8 horas, chegaram os batuques, e juntou-se grande concurso de povo.

Meia hora depois, appareceu o sova, com a cabeça mettida em uma cabaça, pintada de branco e preto, e o enorme corpo, augmentado por uma armação de varas coberta de liconde, egualmente pintado de preto e branco.

Um saio de clinas e caudas de animaes completavam o traje.

Logo que elle chegou os homens formaram em linha, com os batuques atraz, e as mulheres e rapazio desviaram-se para longe. Começaram os batuques, e os homens immoveis do corpo, cantando as suas monotonas toadas e batendo as palmas.

O sova foi collocar-se a uns trinta passos em frente da linha, e começou uma grutesca dança, em que parecia fera enraivecida, conquistando os maiores applausos da sua e da minha gente. Meia hora depois correu, e foi sumir-se na sua povoação, sendo seguido pelos seus. Pouco tempo mais tarde, voltou ao meu campo, já sem o seu traje feroz, e andou commigo até á noute. Decididamente eu tinha-lhe cahido em graça.

Tinha aproveitado todo o tempo que podia tirar aos meus trabalhos, dando melhor arrumação ás cargas, tendente a diminuir o numero d'ellas. A fazenda que tinha era já quasi nenhuma, e toda a minha riqueza monetaria consistia em um sacco de buzio e na missanga comprada ao José Alves; mas o gasto para sustentar a minha gente era grande, e eu via com horror a diminuição do meu pequeno haver. No paiz a caça era pouca e miuda, pois apenas se encontravam algumas gazellas (*Cervicapra bohor*).

Quantas vezes a pobre rima pouco volumosa das fazendas e missangas me não despertava uma atroz angustia!

Quantas vezes uma dôr pungente me não cerrava o coração, fazendo-me antever um futuro bem sombrio!

Quantas vezes ficavam sem resposta as cari-

cias da minha cabrinha Cora, e os cantares folgazões do meu meigo papagaio, que voava para o meu hombro pedindo-me uma meiguice!

Quantas vezes uma fé sem limites me invadia o coração, e o desalento era banido do meu animo!

A razão queria lutar contra esses raios de infundada esperanza que me alegravam o espirito; mas essa esperanza era tão tenaz que procurava argumentos e sophismas para combater a razão.

São momentos indescriptiveis, essas lutas do espirito, estando o homem isolado, sendo elle mesmo o pró e o contra das suas ideias, sem um amigo, ou um inimigo, que lhe adule um pensamento ou lhe combata outro.

Fui joven e tive amores, e com elles as penas dos amores; fui pae, e vi morrer-me nos braços uma filha que adorava; mas confesso que nunca senti n'alma tão profunda tristeza, tão cruel melancolia, como a que por vezes, em dias aziagos, experimentei em Africa.

Só! sósinho, no meio de uma multidão ignara e estridente, cuja lingua e fallares não comprehendia, tinha momentos horriveis, que se traduziam logo em febre e doença!

Não conto como soffrimento as fomes, as doenças, a miseria. Não! que o homem é e deve ser superior á materia bruta, que deve dominar, para se afastar do irracional.

O soffrimento é a duvida. O soffrimento é não saber como se hade vencer o abysmo que a razão nos mostra cavado ante os passos que queremos dar. O soffrimento é vêr dezenas de pessoas, que nos acompanham cegas, dizendo: «Elle sabe o que faz;» e que arrastamos comnosco ao abysmo! O soffrimento é a responsabilidade tremenda da missão que nos impozemos. Se me não importava hoje muito que os meus detractores experimentassem um pouco da fome, da sede e das privações que passei, não lhes desejo, mesmo a elles, que soffressem a millesima parte do que eu soffri moralmente. É verdade, que para soffrer, como eu soffri, é preciso ter alma, coração e uma consciencia.

A carta que de Mavanda escrevi ao dr. Bocache, ressentia-se já do que eu soffria então. Foi escripta n'um dos meus dias nebulosos.

Deixemos porém esta divagação, que pouco interessa, e fallemos dos acontecimentos de então. Os Quimbandes fabricam alguns objectos de ferro e de madeira, muito mais perfectos do que os fabricados no Oeste-Cuanza.

O frio de noite era muito intenso, e já era grande a diferença entre as máximas e as mínimas. Apesar da carta que recebi do sova Capôco, não acreditava muito na promessa dos carregadores, nem na volta do meu doutor Chacaiombe, e por isso, ia sempre reduzindo as cargas quanto era possível, o que só podia fazer distribuindo o conteúdo de uma pelas outras. Isto tinha um limite, com o limite do peso que podiam carregar os homens.

Estavamos a 22 de junho, dia em que expirava o prazo que eu decidira esperar por os carregadores do sova do Capôco.

A minha angustia era grande, e só então avalei bem o mau bocado porque têm passado outros exploradores, tendo de abandonar cargas que lhes são absolutamente precisas.

A escolha é coisa séria, quando todas se nos afiguram indispensáveis.

O pouco que de commodidades eu levava já tinha sido abandonado; o resto de algumas latas de comida dei-as aos muleques.

Os meus carregadores, vendo o meu embaraço, pedem-me que os carregue até ao máximo peso com que poderem caminhar; mas, ainda assim, é impossível ir tudo.

Depois de todas as reduções, e de ter distribuído as cargas, ficam 4 sem carregadores.

São ellas as duas do meu barco Macintosh, um barril de aguardente, e 50 libras de pólvora.

Decidi abandonar o barco, com grande pesar, e pedir ao sova Mavanda dois homens para me levarem a pólvora e o barril d'aguardente de acampamento em acampamento, até que dois dos meus carregadores ficassem sem carga, o que não tardaria a succeder pelo grande gasto que faziamos.

O sova tomou conta do barco, e deu-me os dois homens que lhe pedi, ficando tudo prompto para seguirmos no dia immediato.

Levantei campo no dia 23 ás 8 horas, e depois de tres e meia horas, cheguei á margem esquerda do rio Varea, que passei sobre uma soffrível ponte de madeira.

O soveta de Divindica, povoação que assenta na margem esquerda do Varea, na confluencia do riacho Moconco, veio pedir-me alguma coisa pela passagem da ponte, e dando-lhe eu quatro jardas de fazenda retirou-se satisfeito.

O rio Varea corre ali ao N., e vaé affluir ao Cuime. Tem 25 metros de largo por 2 de fundo, e pequena corrente, não tendo cataractas a ju-

sante de Divindica. Marquei a uma milha ao Sul as povoações de Moairo e Moaringonga.

Segui a Leste, indo acampar, pelas 2 horas, na margem esquerda do rio Onda, em frênte á grande povoação de Cabango, capital dos povos Quimbandes de Leste.

Eu levava duas garrafas de vinho do Porto de 1815, resto de um presente do meu amigo E. Borges de Castro, e ao chegar ao ponto em que acampeí, o muleque Moero, que as levava, caiu, quebrando-se uma d'ellas, e entornando-se o precioso nectar, sem que se podesse aproveitar uma gota.

Desde Mavanda até ás nascentes do riacho Moconco, cujo curso segui até á confluencia com o Varea, a vegetação arborea é esplendida, e no cimo dos montes que marginam o riacho é tambem pomposa. Para além do Varea é ainda mais rica.

Desde que passei o Cuanza ouvia fallar no rio Cuime, como o rio maior do paiz dos Quimbandes, affirmação que me era confirmada pelos grandes affluentes que lhe ia encontrando, o que me fazia arder em desejos de lhe ir lançar uma vista d'olhos.

Do Cuanza a Leste o planalto apresenta um aspecto muito differente do que até ali.

As paizagens são mais pittorescas e não apresentam a monotonia do Bihé. Os rios e ribeiros cavam os seus leitos mais fundos, tornando mais sensíveis os accidentes do terreno. As margens dos rios e ribeiros além dos limites das cheias, já se apresentam cobertas de vigorosa vegetação arborea, e a vegetação arborescente fórma barreiras impassáveis nas florestas.

Na parte Leste do paiz dos Quimbandes, a população começa a rarear. O sova de Cabango é ainda tributario do sova do Cuio ou Mucuzo.

Os costumes d'estes povos são os mesmos dos Bihenos, salvo na actividade, que é entre os Quimbandes substituida pela mais vergonhosa preguiça.

Os Quimbandes andam quasi nus, não trabalham, não viajam e não negociam.

Poucos têm espingardas, por não terem com que as comprar. Já apanham alguma cera, que os Bailundos lhes vêem permutar a buzios e missangas, mas isto em pequenissima escala.

A terra é cultivada pelas mulheres, e a sua produção é rica. O que mais tenho visto nas plantações é mandioca e ginguba.

Este paiz deve merecer particular attenção. Cortado com rios navegáveis que vão affluir a

um grande traço navegavel do Cuanza, tendo um clima magnifico e uberrimos terrenos, onde produz bem o algodão, a cana de assucar, os cereaes e virentes pastagens, occupado por uma população que facilmente se submete, está nas melhores condições de um desenvolvimento rapido.

No dia 24 de junho passei o rio Onda, e fui acampar na sua margem direita, tres milhas além do meu campo anterior.

O rio Onda tem, em Cabango, 15 metros de largo por 5 de fundo, e vindo de Leste corre depois a N. O. a affluir ao Varea.

Depois de ter determinado a posição do meu acampamento, fui passear rio acima, e encontrei bastante caça. Logo acima de Cabango, o Onda estreita a 10 metros, mas profunda a 6, tendo uma corrente de 10 metros por minuto, corrente que se estende até ao fundo, o que me foi denunciado não só pela sonda, mas tambem pela inclinação que tomam as plantas que vegetam no fundo; o que se vê facilmente, por serem as aguas muito crystallinas e o fundo de areia alvissima.

N'este rio não vi outro peixe, a não ser um que os naturaes chamam *Ditassoa*, e que é soffrivel.

Percorrendo as margens do rio, vi, a distancia, um grupo de arvores que se destacava da paisagem, e que julguei serem palmeiras; mas approximando-me reconheci um lindo grupo de Fetus arboreos, da mais elegante belleza.

As margens do rio são cortadas verticalmente e por isso apresentam junto á borda a mesma profundidade que no meio.

Retirei do meu passeio, satisfeito com o que vira. O rio Onda era outro rio navegavel, outra estrada natural, que encontrava n'este soberbo paiz.

Ao chegar ao meu campo aguardava-me uma agradavel surpresa.

O doutor Chacaiombe foi a primeira pessoa que veio cumprimentar-me.

Eu, que julgava não mais vel-o, saudei-o com o maior jubilo, porque o seu desaparecimento era uma nuvem negra na minha viagem.

Já por vezes tenho fallado no doutor Chacaiombe, e não disse quem era.

Este homem foi o adevinho que, em casa do filho do capitão do Quingue, me predisse as coisas mais agradaveis á respeito do meu futuro.

Accumulando as funcções de cirurgião com as de adevinho, veio elle estabelecer-se junto a

mim no Bihé, e não mais me deixou até que se encarregou da missão de obter carregadores no Capôco, d'onde julguei que não mais voltaria.

Depois de muitos cumprimentos, annunciou-me Chacaiombe que os carregadores chegariam dentro de dois dias, e eu resolvi esperal-os.

O meu Augusto veio dar-me parte de que o sova de Cabango viera visitar-me, e se retirara muito contrariado por me não encontrar.

Mandei logo o pombeiro Chaquiçonde ao sova pedir-lhe dois homens para mandar a Mavanda buscar o barco que ali tinha deixado, com bem pesar meu e da minha gente, que viram os serviços que elle nos prestou nas passagens do Cunqueima e do Cuanza.

Fui em seguida enxugar-me ao fogo, pois que cheguei do rio muito molhado, e ainda me lembrava com horror do rheumatismo no Bihé.

No dia seguinte, parti de madrugada para a caça, dirigindo-me ao Norte, onde o paiz é coberto de densas florestas. Depois de ter andado oito milhas, encontrei o rio Cuime, a jusante da sua grande cataracta. Voltei e já era noute quando alcancei o meu campo, extenuado de fadiga, mas tendo feito boa caçada, e tendo visto o rio que ardia em desejos de vêr, e que effectivamente é uma via importante, sendo como me asseguraram os naturaes, navegavel desde a sua grande cataracta até ao Cuanza.

No seguinte dia voltei ao rio Onda, e ali surpreendeu-me a vista mais de uma povoação que divisava ao longe. Ao approximar-me, conheci que eram, não povoações de pretos, mas sim de formigas brancas (*termites*), que juntavam em grandes grupos as suas construcções conicas, cuja cõr alvacenta, devida á da argila que iam buscar ao sub-solo, lhes dava toda a apparencia de aldeias de indigenas. De volta ao meu campo, encontrei o sova de Cabango, que ali tinha chegado havia pouco, com uma comitiva de 60 homens e muitas mulheres.

Esta gente, que se apresenta quasi em completa nudez, faz consistir todo o seu luxo nos penteados. Variam-nos ao infinito e são elles verdadeiras obras d'arte, e têm tecnologia propria. Nas mulheres o cabelo, que fica em fórma de cimeira de elmo Romano, chama-se *tronda*, e o que cahe em trancinhas, dos lados, *cahengue*.

Os penteados masculinos, que formam tufos encrespados, chamam-se *sanica*.

O sova offereceu-me um boi, e eu dei-lhe um presente com que elle pareceu retirar-se satisfeito.

Chegaram n'esse dia os carregadores que vinham do Capôco e eram apenas quatro, mas eram os suficientes, sendo dois para o barco, e outros dois para alliviar algumas cargas mais pesadas.

À noite os meus pretos e os da terra fizeram grande batuque, que durou até depois das 10 horas.

O frio de noite continuava intenso, sendo que ás 3 e meia horas da manhã d'esse dia, o

thermometro marcara 0° C. A desigualdade entre a maxima e a minima era já muito extraordinaria, e grande a seccura da atmospherá, como se verá dos boletins meteorologicos.

O sova voltou a ver-me, e deu-me alguns esclarecimentos sobre o paiz. Diz elle, que já não reconhece a soberania do sova do Cuio ou Mucuzo, e se considera independente.

As matas tem muita cera, e os Bailundos vêem ali permutal-a a buzio (caurim) e missan-



MULHERES LUINAS — Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo uma gravura da edição ingleza

gas. Trabalham em ferro, e fazem machados grandes, balas e facas.

Os machados de guerra, frechas e azagaias, vem-lhes dos Luchazes, e as enxadas dos Ganguellas, Nhembas e Gonzellos.

Este soba, que se chama Chaquiunde, é um pouco falto de probidade, o que não admira muito. Veio, depois de larga conversa, fazer-me exigencias, allegando ter-me dado um boi. Vi-me na necessidade de o pôr fóra do acampamento; mas elle, vendo a aspreza com que eu o tratava mostrou-se contente, e explicou a sua impertinencia, desculpando-se com os seus macotas, que o tinham aconselhado a fazer grandes exi-

gencias, e que o que pedia era para elles, pois que a elle eu tinha dado um presente superior ao valor do boi.

Tendo chegado os dois Quimbandes com o meu barco, resolvi seguir no dia immediato.

O dia 28 amanheceu frigidissimo, pois que o thermometro, ás 6 horas marcava apenas dois graus acima de zero; e por isso pude só levantar campo ás 8 horas, indo acampar 10 e 40 junto da margem do Onda, tendo andado a E. S. E.

Precisava fazer pequenas marchas, porque os meus carregadores iam muito pesados.

(Continua.)



DIVINDADES PAPUS

VIAGEM À NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 42)

Fogo que anoiteceu accenderam-se fogueiras. Cada um dos Papus se armou com arco e frechas e alguns mesmo, julgando ver sombras, dispararam ao acaso para a floresta, sendo no dia seguinte as frechas encontradas espetadas em arvores. Felizmente a maré subiu e permittiu pôr a nado as pirogas. Todos ficamos a bordo das pirogas deixando as bagagens em terra proximas das fogueiras, para que ninguem se approximasse d'ellas sem ser visto. Assim pude dormir socegado; até então os Papus não consentiram que eu me deitasse, tendo, creio eu, uma grande confiança nas minhas armas para os defender. Nada perturbou o nosso somno, se exceptuarmos uma chuva miuda.

Effectivamente no dia seguinte appareceu-me um bando de Papus, homens, mulheres e creanças em numero de treze que pareciam trazer todos os seus utensilios e emigrarem sem duvida em procura do logar mais vantajoso, do que aquelle em que tinham o seu acampamento. Pararam um instante, trocaram apenas algumas palavras com os meus Papus e continuaram o

seu caminhar aavez da floresta. Pareciam-se muito com os Arfaks d'Aiambori.

O velho maior explicou-me a razão por que os Prafis lhe causavam um tão grande medo. A pequena bahia em que estavamos fundiados e que os indigenas designavam pelo nome de Saobéba tinha outr'ora sido habitada pelos Mafors, asserção que algumas estacas descobertas na vassante confirmavam. Além d'isso o maior pretendia lembrar-se d'elle proprio ter habitado este logar; mas, acrescentou elle, rebentou uma guerra entre os Prafis e os Mafors e estes ultimos, constantemente massacrados, dezimados, tiveram de fugir para Dorey, afim de escaparem ás correrias dos Prafis que se conservaram seus inimigos.

O vento não mudava e como era provavel que nos demorassemos mais tempo n'aquella bahia do que eu esperára, construi uma cabana, metade com esteiras, de que trazia largo fornecimento, e metade com folhas de pandanus.

Tratei d'empregar utilmente os dias; foi preciso renunciar á caça dos insectos, os quaes não

existem em florestas, onde não haja detritos em decomposição. Abandonei por tanto a minha rede e peguei na espingarda. Tinha certo prazer em entregar-me um pouco na Nova-Guiné ás distrações cynegeticas que abandonára no interesse das minhas collecções. Os meus caçadores tinham-me dito haver na floresta alguns pequenos kangarus, raros nas minhas collecções; como estes animaes são muito selvagens nunca se deixam approximar.

Eu ouvia tambem o grito sonoro das aves do paraíso machos, que completamente tinham desaparecido de Dorey. Esta especie é a que Buffon chamava «a pequena Esmeralda» por causa das pennas verdes que lhe cercam o bico e que lhe descem pelo pescoço e que os naturalistas chamam hoje (*Paradisæa papua*). A femea, como a de todas estas especies, nada tem de notavel; as suas pennas passam da côr parda para côr de castanha por gradações suaves. No primeiro anno os machos são semelhantes ás femeas; mas a cada muda as pennas, que substituem as que cahem, tornam-se mais compridas até que no fim d'alguns annos, sem duvida quatro ou cinco, como parecem mostral-o as séries d'aves do paraíso de diferentes edades por mim trazidas, o macho adulto está em toda a sua belleza, com o seu barrete e peitoral de velludo verde, com os dois largos filetes que lhe partem da cauda, cinzentos na extremidade, com as suas pennas compridas, destacadas, vaporosas, emfim com os seus mais brilhantes ornamentos. Posto que esta ave não tenha já um grande valor e raridade e que já tivesse visto alguns vivos em gaiolas, eu tinha desejos de os caçar na sua floresta natal.

É de manhã, quando os raios do sol penetram indecisos por entre a espessa folhagem, que se logra vêr as aves do paraíso machos. É preciso trajar roupa cinzenta, caminhar sem ruido e mesmo, quando se pôde, ir descalço; de todas as aves é a do paraíso a mais selvagem e difficil de caçar; a menor coisa lhe faz levantar o vôo. Quando se penetra em plena floresta, sob uma abobada de verdura impenetravel, sustentada á altura de sessenta pés por troncos gigantescos de arvores seculares, a que nem a foice do tempo feriu ainda a casca; quando, deixando-se escorregar por entre as trepadeiras que se entrelaçam, se enrolam e desenrolam, se torcem e recurvam, deixando cahir com suavidade ou erguendo ameaçadoras as suas hastes flexiveis, cuja casca brilhante, viscosa e en-

rugada ainda mais augmenta a illusão que nos faz crer por instantes o estarmos n'um mundo fabuloso de serpentes phantasticas; quando no meio d'estas solidões em que parece ouvir-se o silencio resôa inesperado um grito rouco, sonoro, uma nota vibrante simultaneamente respirando alegria e audacia, deve-se parar, fazer-se pequeno, suspender a respiração; a ave do paraíso não está longe, vêr-se-ha depressa, principalmente se a femea lhe responde. Outros gritos se ouvem e se approximam, pois é raro que um unico macho responda a uma femea. O meu Papu encarregava-se d'imitar com uma habilidade maravilhosa o grito da ave femea. Os gritos crusavam-se por cima da minha cabeça na ultima extremidade do ultimo ramo de uma arvore collossal; umas vezes parecia-me distinguir uma nuvem amarella, outras parecia-me ver um cometa; mas depressa comprehendí que a oitenta pés acima da minha cabeça havia tres ou quatro aves machos, um complexo de bellezas, de seducções; umas vezes agitavam suavemente a sua longa plumagem, outras abriam as suas azas vibrantes e eriçava mas pennas parecendo envolver-se em um aureo nevoeiro.

Todo eu era olhos e não me cançava de admirar; até esquecia a espingarda que apertava com mãos febris. Quando a uma palavra do meu Papu pensei em fazer fogo, já não era tempo; as aves tinham levantado o vôo e não tive pezar; eu não queria ser n'aquella floresta unicamente o mensageiro da morte, desejava vêr e surprehender a natureza viva para conservar a recordação dos seus encantos.

Mas que os irmãos da irmandade de Santo Huberto soceguem: eu nem sempre fui tomado de tão platónica admiração, e duas vezes n'esta mesma floresta de Saobéba tive a satisfação cruel, mas necessaria, de ver cahir a meus pés estes graciosos volateis.

Nas partes da floresta onde o solo não era muito pedregoso, ás vezes ouvia um ruido surdo como o de um galope d'um cavallo afastado; via como um relampago cinzento atravessar o macisso da verdura; era um kangaru que saltava.

O primeiro d'estes animaes que matei era uma femea que trazia no sacco um filho já grande e que poderia ter perfeitamente fugido pois não tinha a menor arranhadura; mas preferiu deixar-se agarrar a abandonar a mãe. Como não tinha leite, não o pude crear.

A dez d'abril, ahí pelas seis horas da tarde, tendo o vento rodado para o oeste, pudemos sem perigo sahir da bahia; ergueu-se a pedra que nos servia d'ancora, mas só ás tres horas da manhã é que realmente começamos a navegar.

Depois de ter dobrado o cabo Manuarki achamos-nos n'uma vasta bahia, a bahia Moséni, rodeada de terrenos pouco elevados, cobertos de florestas; contraste singular, pois que desde Dorey até ao cabo Manuarki a costa é sempre bordada de collinas de uma centena de metros d'altura. Estes terrenos planos eram limitados ao sul por uma cadeia de montanhas de cerca de mil e duzentos a mil e quinhentos metros, indo do oeste-noroeste para o este-sudoeste ligar-se aos Arfaks. Os cumes, que eu via em frente de mim e que calculei terem a altura de mil e duzentos metros, pertenciam aos montes Nekoorry e Onéteki.

N'esta bahia de Moséni, correspondendo perfeitamente, excepto na fórma, á marcada no mappa como servindo de foz ao rio Prafi e chamada golpho de Gelwinck, desagoam tambem tres rios: Aroni, Adopi, Oiori. Este ultimo, segundo o dizer dos indigenas, é muito consideravel, o que eu acreditei vendo no mar em frente da sua foz, uma esteira de agua barrenta.

Fiquei convencido que não tinha sido confundida a foz do rio Prafi com a do Oiori que eu acabava de descobrir. Esta opinião confirmava-a eu, quando na minha volta fundeei na foz do Prafi que está mais a este. Duas collinas bastante acentuadas que separam as duas bacias, do Prafi e do Oiori, fazem-me mesmo suppor que estes dois rios não têm nascentes proximas.

Quiz entrar um pouco rio acima pelo Oiori, mas os meus Mafors recusaram terminantemente a approximarem-se da costa. Estas florestas, diziam elles, eram percorridas por tribus de Pappus Mosuavi, segundo elles extremamente feroces. Tendo o vento saltado para o sul fizemos-nos de vela.

Na extremidade oeste da bahia de Moséni, isolada no meio da planicie e muito perto da costa, ha uma pequena montanha em fórma de ballão d'altura de duzentos metros; em seguida, depois de breve intervallo, ha uma collina alongada com metade da altura. A primeira chama-se Smunfui, e a segunda Mambékauí.

Navegamos assim lentamente durante todo o dia; e á noite tornando-se mais violento o vento e agitandó-se o mar mais, do que convinha á

nossa casca de noz, escondemos-nos por detraz d'um cabo entre rochedos, onde estavamos muito mal abrigados. Passamos uma noite horrórosa, sacudidos violentamente pelas vagas.

Quando amanheceu já estavamos no mar havia trinta e seis horas; a provisão d'agua doce esgotara-se até á ultima gota. Todavia era impossivel abordar á costa, em todos os sitios só se viam recifes cobertos d'escuma. Os meus Pappus, verdadeiros amphibios, deitaram-se a nado e uns com garrafas e outros com bambus, depois de prodigios de natação conseguiram trazer-nos para bordo todos esses vasos cheios d'uma agua limpida e excellente que os nossos alimentos absolutamente seccos, biscoito para mim e sagu para a tripulação, ainda tornavam mais preciosa.

Depois do cabo Mombrani, a costa seguindo para o sul mudava completamente d'aspecto. As montanhas approximavam-se do mar a ponto de n'elle banharem os contrafortes de flancos muito escarpados.

Não tardei em avistar em cima d'estes cerros umas manchas pardacentas, signaes de desmontes de terras e por tanto da presença do homem, que ainda por cousa alguma nos tinha sido revelada depois da nossa sahida de Dorey. Ali vivia a tribu dos Rumbiaks, alliada dos Mafors e sem duvida da mesma raça.

N'esse mesmo dia, a 12 d'abril, chegamos em frente d'um promontorio formado de terras baixas. Um pequeno rio arrastando areias na sua corrente tinha formado uma barra que nós tivemos muita difficuldade em passar, segunda e ultima paragem antes de chegar a Amberbaki, de que não estavamos muito afastados.

Era na pequena povoação visinha d'Onépaí que M. Laglaize, de que já fallei, tinha fixado o centro d'operações. Sentia-me alegre por o ir ver, mas, com grande desapontamento meu, soube que andava, e por muitas semanas, em excursão pelas montanhas.

A 16 d'abril partimos de Sãokorem ao amanhecer. Pouco depois um Papu chamou-nos da costa e a minha tripulação pediu-me que olhasse com o meu binoculo para ver se descobria uma ou muitas pirogas. Com effeito vi, e pouco depois todos como eu avistaram, uma embarcação assaz grande e que vinha á vela.

Os meus Pappus supposeram ser embarcação de piratas: suspeita alimentada por uma outra piroga tripulada por gente d'Onépaí que passou por nós como uma flecha para se ir refugiar na praia. A minha tripulação queria fazer outro

tanto; mas eu observei-lhes que na costa de São-korem estaríamos tão seguros como ali e que tínhamos bastantes espingardas para nos defendermos d'uma piroga, embora ella fosse tripulada por quarenta homens.

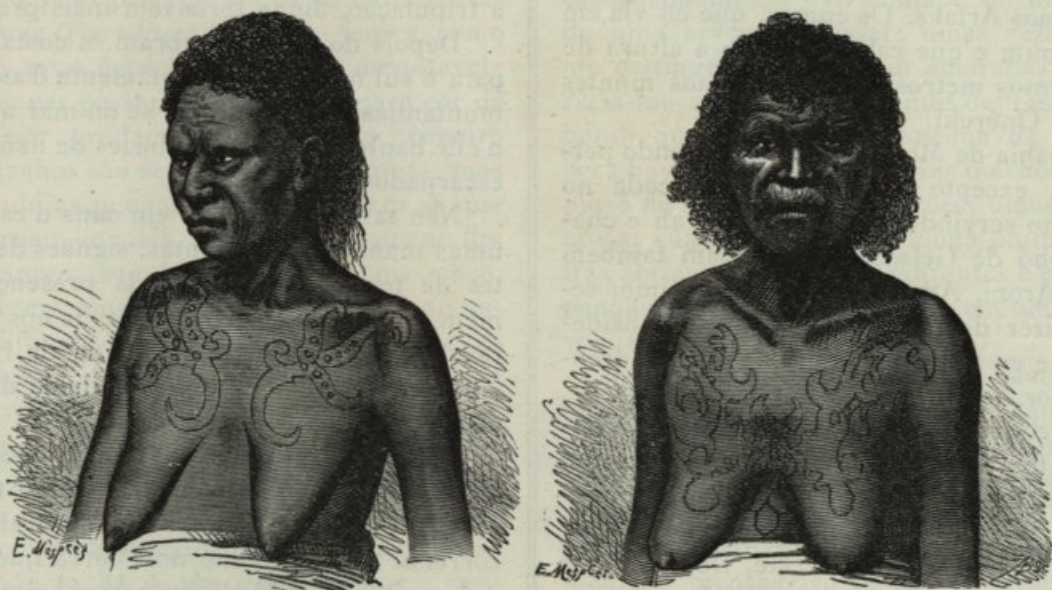
Largamos mais panno e depressa reconhecemos, feliz surpresa! que era a piroga d'um amigo, o sanadi Brouss de Mosinam, com o qual o leitor mais tarde trará conhecimento.

Emfim ahi pelo meio dia os meus Papus entraram n'um canal estreito entre perigosos rochedos e desembarcaram-me entre o mar e a floresta, n'uma lingua d'areia de seis metros de largura, dizendo-me: «Estamos em Amberbaki!»

Cruel decepção! depois de dezasete dias de viagem estava como um naufrago n'uma praia deserta. O velho maior deu-me algumas explicações que me consolaram; disse-me que a um dia de marcha, na montanha, havia uma povoação habitada por Papus aliados dos Mafors.

Combinou-se que no dia seguinte seria mandado um mensageiro que traria os principaes habitantes para se entenderem commigo a respeito do transporte das minhas bagagens.

Com grande espanto meu esta promessa foi pontualmente executada. Dois homens desceram da montanha com o mensageiro e como esta costa nunca é visitada pelos negociantes malaios,



MULHERES MAFORS

os estolos e as missangas têm aqui um valor que não têm em Dorey, o que facilitou o negocio. Mediante um certo numero de peças d'estofo, de facas, de missangas e de braceletes de cobre estes Papus consentiam em levar-me e permittiam que eu vivesse na sua povoação habitando uma das suas cabanas. Era quanto eu desejava. Eram-me necessarios vinte carregadores e por isso qual não foi o meu espanto dois dias depois quando ao acordar, vi chegar a povoação toda, homens, mulheres, creanças, sem esquecer os porcos. Uma rapariga trazia até ao colo dois leitões que ella acariciava com um olhar maternal.

Em vez de vinte carregadores eu tinha mais de cincoenta e cada um queria levar um fardo para ter direito ao salario. Era um novo genero d'imposto a que tive de me submeter; havia

alguns que levavam uma pequena caixa, outros um pau, outros emfim que nada levavam, mas a quem eu tive de pagar do mesmo modo.

Partimos seguindo atravez da floresta um caminho pouco trilhado.

A subida da montanha, abrupta e escorregadia começou quasi immediatamente.

Encontramos uma pequena torrente que se despenhava de rocha em rocha. Depois de a ter atravessado foi necessario escalar, agarrando-nos aos ramos e ás raizes, uma montanha quasi a pique.

Muitas vezes tivemos d'abrir com as machadas caminho para as bagagens; em seguida chegamos a um planalto com a altitude de quinhentos e cincoenta metros.

(Continua.)

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 41)

PA MARTINICA foram enviadas para o Gabão plantas muito uteis; o jardim d'acclimação criado por M. Aubry le Comte conservou com muito cuidado essas plantas que depois se propagaram. A estas plantas, que prometem um grande futuro, devem acrescentar-se os

productos de certas arvores pertencentes ás malvaceas que dão annualmente uma certa quantidade de casca filamentososa. Estas especies são abundantes; a casca da *baobab* é tambem filamentososa. Os inglezes tentaram substituir no fabrico do papel o farrapo por esta casca. Esta primeira experiencia não deu resultado por causa do alto preço do transporte; mas as margens do rio abundam em outras plantas filamentosas. A bananeira tem uma caule forte de que nas antilhas fazem cordas conhecidas pelo nome de *pita*. A folha do ananaz dá uns fios com que se fabrica cambraia finissima; as redes de pescar feitas com esses fios são muito duradoiras. Os *gombos* dão fios superiores á pita; o algodão é indigena e as especies das Antilhas acclimaram-se facilmente no Gabão. Estes ensaios de cultura estão ainda no estado embryonario.

A casca do *mangle* offerece aos cortumes substancias inexgotaveis: o tanino que esta casca contém parece ser de primeira qualidade para o cortume dos coiros.

É bom comtudo não ter illusões; durante largos annos o Gabão será apenas um ponto commercial. A administração franceza tem feito muito para a segurança do commercio; pelo seu ascendente tem podido manter em respeito os

noventa mil Fans espalhados pelos estuarios do Gabão; poude abrir ao commercio novas vias, o Fernão Vaz e o Cama; a sua acção civilisadora evidentemente penetrará nas extensas savanas habitadas pelos Fans; actuará sobre os Osyebas e disciplinal-os-ha como disciplinou os seus ir-

mãos, os Fans e os seus primos, os Apingis e os Bakalezes.

Tem-se fallado muito do clima do Gabão; sempre se tem apresentado o clima como o maior obstaculo a qualquer tentativa séria da colonisação; será merecida essa reputação de lethal que lhe fizeram? Penso que não.

Eu vi missionarios e negociantes viverem alli vinte annos ininterrompidamente. M. Walker, missionario americano, é o mais antigo habitante d'origem europea no Gabão. Monsenhor de Besiene e o seu primeiro vigario, o padre Seberre, esquecidos de si proprios, consagraram trinta annos da sua vida a evangelisar os povos do Gabão. São os exemplos mais frisantes que se podem oppôr aos argumentos produzidos contra este

clima. Não se creia que estas tres pessoas passaram aquelles annos na ociosidade. Monsenhor dedica oito horas por dia ao amanho da terra, trabalhando quer com o alvião, quer com o ancinho, quer com a foice; trabalha como um jornaleiro; a todos dá exemplo. M. Walker, esse intrepido viajante que foi o primeiro a visitar Okanda, acaba de passar dez annos na Africa equatorial antes de ter vindo retemperar-se á Europa; está prompto a voltar para aquelle meio, onde terá passado os melho-



INTERPRETE PAHUIN

Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia

res dias da sua vida. M. Saberre anda continuamente em caminho para sustentar a fê dos seus catachumenos. Os differentes membros da missão catholica ensinam aos seus jovens discipulos todos os trabalhos manuaes.

É a possibilidade d'encontrar trabalho que falta aos discipulos educados pela Missão; entre elles ha cordoeiros, marceneiros e pedreiros. Uns têm instrucção bastante para serem bachareis em letras; mas no horisonte não encontram emprego: concluida a sua educação, dispersam-se e vão para Fernando Pó principalmente procurar, onde possam exercer as suas aptidões. Alguns sobem até à Costa d'Ouro em procura d'empregos retribuidos.

Este estado é passageiro. Necessariamente formar-se-ha um centro no Ogoocé. Fizemos notar a facilidade com que as aldeias se tinham agrupado em volta do centro aberto ao commercio no Sudão e no Niger; dar-se-ha o mesmo phenomeno no Gabão e no Ogoocé superior; o caminhar dos Fans, dos Osyêbas, dos Apingis é um feliz presagio para o futuro. «Dae-me uma alavanca» dizia Archimedes; aqui já existe a alavanca.

A mortalidade do clima da Africa equatorial tem sido exagerada; tem a maior analogia com a que se dá na America e na Asia sob o mesmo paralelo.

A temperatura na Africa equatorial não é muito elevada; varia, segundo a estação, entre vinte e trinta graus do thermometro centigrado. A tensão da electricidade é aqui grande; durante as estações das chuvas as tempestades repetem-se de dois em dois, ou de tres em tres dias; mas na estação secca não ha chuvas; o que favorece as expedições por terra; os terrenos altos, como em todas as regiões tropicaes, estão geralmente ao abrigo dos efluvios deleterios com os quaes os homens estão em contacto nas regiões proximas do mar.

Os animaes emigram durante a estação secca; as aves igualmente seguem as diversas alternativas do clima.

As habitações que o homem faz para se abrigar devem modificar-se segundo o clima: em Africa é indispensavel que as casas estejam isoladas do solo; o ar deve livremente circular por baixo do pavimento habitado. O uso do fogo é necessario; a alimentação não é indifferente. Por muito tempo os Portuguezes estabelecidos na India e na Africa recommendaram a carne assada e o uso das sangrias. Os primeiros France-

zes que colonisaram Madagascar tinham adoptado este systema que depois regeitaram. Agora está reconhecido que o uso dos estimulantes deve ser moderado e que se os alcools tomados em abundancia prejudicam a saude, o café, o vinho generoso nunca damnificaram a saude de ninguém. Ao contrario estas duas bebidas na costa occidental e na costa oriental são uma das condições para a existencia dos Europeus.

É para notar que a febre amarella, que tantos estragos produziu em Fernando Pó e no Congo, nunca se declarou epidemicamente no Gabão.

M. du Chaillu em 1857 encontrara Oschebas estabelecidos no alto das montanhas que co-roam Muni ou Angra; é provavel que este povo seja o mesmo que os Osyêbas. A nova tentativa da exploração do Ogoocé é feita por M. Savorgnan de Brazza ha pouco partido para o Gabão com meios consideraveis d'investigação e com o apoio do governo; vae percorrer um terreno conhecido até Ivindo.

M. Marche, que faz parte d'esta expedição, vae encontrar povos que já estiveram em relações com elle; o prestigio d'official da marinha franceza de que está revestido M. de Brazza dar-lhe-ha a consideração necessaria para desempenhar o seu papel d'explorador junto dos chefes negros, que são ordinariamente muito orgulhosos. O aparato militar por um lado, o engodo do ferro, da aguardente, da missanga, das fazendas pelo outro, actuarão por um modo decisivo sobre os Osyêbas e a expedição sem duvida poderá penetrar até aos Madomas que, segundo dizem os viajantes, são os mais susceptiveis de civilisação. O Ogoocé, largo e poderoso, vae da região dos Madomas para os lagos desconhecidos d'onde transborda para o mar. O rio d'Ofoné permittirá que seja estudada a região dos Chibês; provavelmente levará os exploradores até aos affluentes superiores do Congo que não devem estar distantes. Ardentemente desejamos que a missão de M. de Brazza obtenha o mais triumphante exito.

XXX

As ilhas do golpho de Biafra — S. Thomé ou S. Thomaz — Colonisação do Brazil — Aspecto geral — Sant'Anna de Chaves — Ilha do Principe — Aspecto geral — Origem do seu actual nome — O Black-Jock — Os srs. Carneiro e Burnay — Os tubarões da bahia — Anno-bom.

As ilhas do golpho de Biafra são quatro. De Fernando Pó já fallamos e portanto escusado é repetirmos o que já dissemos.

A sua descoberta perde-se na noite dos tempos; o merecimento dos Portuguezes está em ter tirado partido d'ellas colonizando-as. Os primeiros navegadores portuguezes mostraram grandes hesitações; parece que os seus navios seguiam a medo as costas, indo de cabo a cabo, enquanto que os navegadores italianos, francezes e hespanhoes navegavam pelo alto mar. ¹

Estes ousados exemplos por fim igualmente foram adoptados pelos Portuguezes; pois que da narrativa de João Escobar vemos que elles descobriram S. Thomé a 23 de dezembro de 1470 e Anno-bom a 1 de janeiro de 1471.

Não ha datas certas a respeito da descoberta da ilha do Principe, sem duvida descoberta pelo mesmo tempo.

Estas ilhas eram deshabitadas quando foram visitadas pelos Portuguezes. Já fiz observar, como factio geologico, que estas ilhas estão no mesmo alinhamento do monte Camérones. O Atlantico e as suas calmas variaveis ainda não eram conhecidos por esse tempo, e os navios que queriam ir á India seguiram por muito tempo a derrota traçada por Bartholomeu Dias.

As derrotas do Oeste, tentadas por Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil, não se tornaram frequentadas senão depois que as Provincias-Unidas da Hollanda conquistaram a sua independencia.

Os engenhos d'assucar multiplicaram-se e S. Thomé que servia, tanto á ida como á volta, de ponto d'escalla aos navios que navegavam para a India, tornou-se prospera pela exportação dos productos do seu solo que attingio consideravel valor. Esta riqueza agricola e a frequencia dos navios que arribavam a S. Thomé atrahiram ás costas da Guiné piratas que as devastaram. No seculo decimo sexto, no anno de 1567, piratas francezes saquearam S. Thomé.

Logo que um estudo mais bem feito dos ventos e das correntes fizeram conhecer que o verdadeiro caminho para a India era mais pelo oeste, a antiga derrota foi despresada. A mudança de derrota para a India e as desgraças que cahiram

sobre estas ilhas fizeram com que os habitantes europeus de S. Thomé emigrassem; desmontaram os seus engenhos d'assucar e embarcaram com os seus escravos para o Brazil, para onde então Portugal tinha voltadas as suas atenções.

A ilha de S. Thomé, cujo eixo maior está inclinado do norte-noroeste para o sul-sud'este, tem dez leguas de comprimento, vinte e tres a vinte e quatro leguas de circumferencia; a superficie é approximadamente de novecentos kilometros quadrados ou noventa mil hectares.

Vista do mar esta ilha tem um aspecto phantastico. Á vista a sua massa apresenta um montão de picos agudos, de montanhas que se escondem nas nuvens; as planiceis que começam no sopé das montanhas vêem terminar á beiramar, onde uma penedia perpendicular as defende da invasão das ondas; os rios desagoam no mar em enseadas d'areia de facil accesso.

Por medidas feitas no alto mar o pico mais elevado da ilha está dois mil metros acima do nivel das aguas.

A cidade está assente nas duas margens d'um rio que desagoa n'uma enseada que lhe serve de porto. A cidade occupa uma milha quadrada; algumas egrejas de pedra quebram a monotonia das suas casas, que são baixas e cobertas de telha; um pequeno forte edificado na margem direita do rio defende o porto e a cidade.

Posto que S. Thomé seja a capital das ilhas portuguezas do golpho de Guiné, a distancia a que os navios crusadores têm d'estar do porto faz com que elles ali não vão repetidas vezes.

A ilha do Principe está situada a vinte e seis leguas ao norte-noroeste de S. Thomé, o seu eixo maior corre do norte a sul e a sua superficie é de cento e vinte e cinco kilometros quadrados. É montanhosa. Parece que o seu solo é formado de lavas incandescentes repentinamente resfriadas. O seu aspecto é indscriptivel; a parte do norte apresenta algumas planicies cortadas por profundos precipicios, onde roncam torrentes caudalosas; por estas torrentes correm para o mar as agoas condensadas nos altos picos das ilhas e as que durante o inverno ensopam o seu solo pedregoso.

A parte meridional da ilha é montanhosa. Um pico elevado, chamado Bico de papagaio, ergue-se no centro; a fôrma geral dos contornos da ilha faz lembrar a figura d'um 8. Esta configuração, estrangulada no centro, tem muitas bahias bem abrigadas.

O porto de Santo Antonio, situado a éste é

¹ Embora tenhamos a maxima consideração pelo author d'estes artigos, o almirante Langle, ha pouco fallecido, não podemos comtudo deixar passar sem protesto tão grandes inexactidões. Dos povos modernos foram os Portuguezes os mais ousados navegadores e só depois dos seus exitos na navegação os Francezes se abalançaram a crusar os mares. Esta asserção demonstra-se cabalmente consultando as memorias mais antigas dos dois paizes.

um bom ancoradouro; mas os navios no inverno são ahi batidos por ventos ás vezes d'extrema violencia. Por esta causa os navios de guerra preferem a bahia do oeste para refrescar.

Poucos habitantes existem na ilha do Principe. O primeiro alvará conhecido referindo-se a esta ilha remonta a 1500. Foi passado a favor d'Antonio Carneiro que agriculturou as terras do norte; os engenhos d'assucar ali estabelecidos depressa alcançaram uma certa importancia e o imposto cobrado pela coroa foi concedido ao filho mais velho dos reis de Portugal.

Em virtude d'applicação dos seus rendimentos esta ilha, que se chamava de Santo Antonio passou a chamar-se do Principe, nome que ainda hoje conserva. Esta ilha soffreu como S. Thomé as mesmas calamidades e os seus colonos emigraram tambem para o Brazil.

A ilha do Principe no fim do seculo dezoito foi a sêde da companhia de Cacheo; abriu-se ali um grande mercado d'escravos alimentado pelos rios Cameron e Gabão; este mercado fornecia os trabalhadores para as Antilhas hespanholas. Em 1694 foi para esta ilha destacada uma companhia d'infanteria que tinha o seu quartel no forte da Ponta da Mina, forte construido para defender a bahia de Santo Antonio; em 1706 uma esquadra franceza apoderou-se da cidade e do forte. Depois d'esta conquista a ilha do Principe cessou d'enviar escravos para as possessões hespanholas e unicamente os exportava para o Brazil. Em 1799, o capitão Landolphe, que fundára uma feitoria fortificada em Owen, á frente de forças francezas apoderou-se da ilha do Principe e só a evacuou depois de ter recebido uma contribuição de tres mil e quinhentas onças d'ouro, estipulando tambem que d'ahi em diante o porto de Santo Antonio seria considerado como neutro.

A ilha do Principe não acompanhou o movimento commercial de S. Thomé; a agricultura está ali n'um grande abatimento; os esforços feitos por Carneiro e Ferreira não foram imitados e a maior parte dos terrenos estão incultos por falta de braços e de dinheiro. (Em 1872 a ilha do Principe só tinha quarenta brancos, emquanto que S. Thomé tinha quinhentos e setenta e quatro.)

Emquanto durou a nossa estação de 1832 frequentavamos de preferencia a bahia do oeste; Ferreira tinha ahi uma magnifica vivenda onde á noite sua esposa reunia os officiaes da pequena esquadra.

A escravatura estava ainda muito radicada nos costumes africanos e um navio inglez julgando avistar um negreiro forcejou por alcançar o molhe. Ventos desencontrados retinham-o ao largo, onde era joguete das correntes; sobreveio uma tempestade e o *Black-Jock*, assim se chamava o navio, não se pode aguentar. Carregou imprudente o panno e nós vimos a sua mastreação, cedendo aos esforços do vento, cahir sobre o convez. O brigue, depois que os mastros se lhes partiram, endireitou-se e veio para a bahia rebocado pelos nossos escaleres.

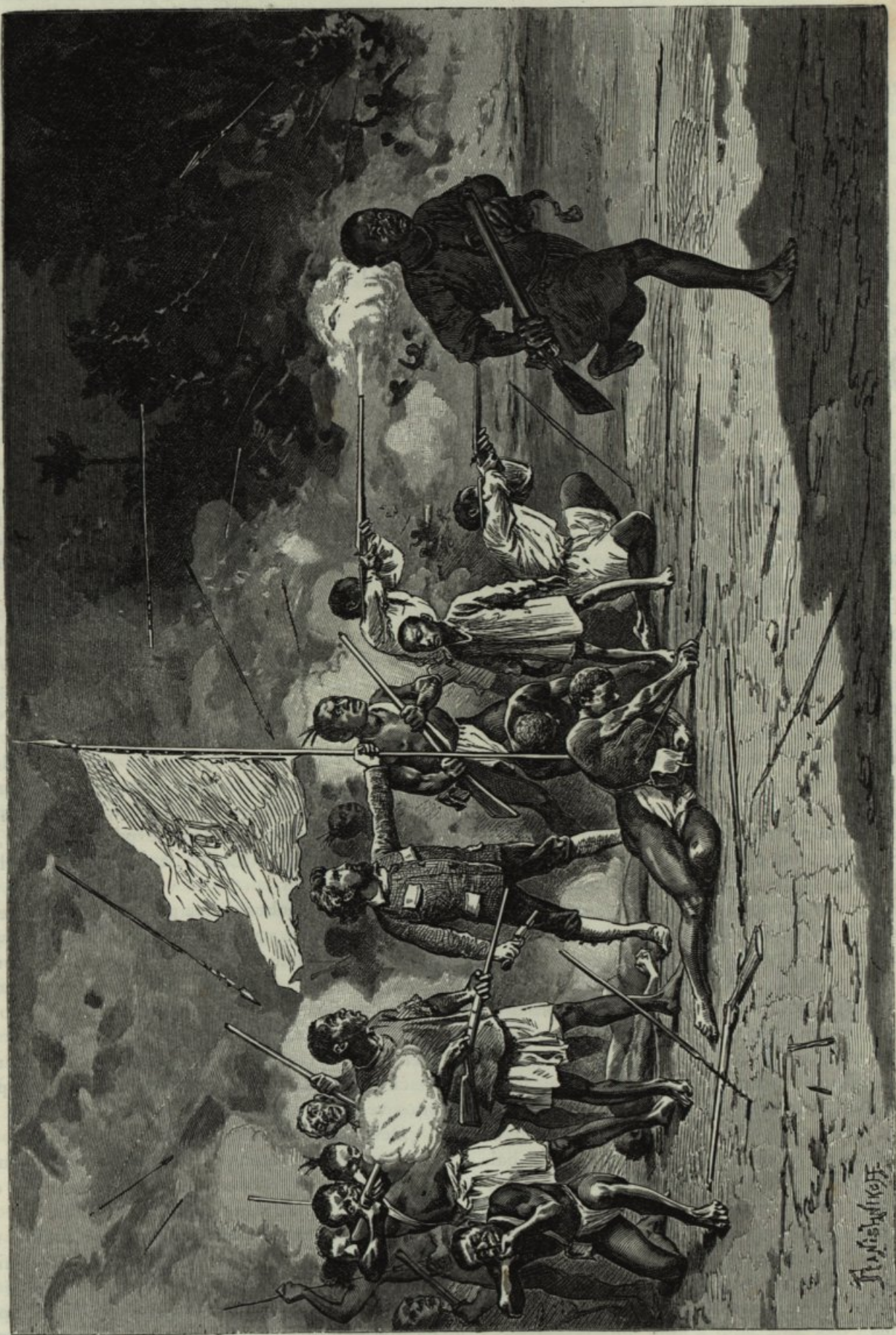
O commandante inglez admirou-se de ter tomado por negreiro uma fragata de quarenta e quatro peças como a *Hermione*; é verdade que tinhamos uma presa o *Fernando Septimo* a quem a bordo encontramos tantos commandantes e tantos papeis que não se sabia a que nação pertencesse; deixamos o *Black-Jock* a reparar as avarias e fizemos derrota para o norte para regressarmos á Gorêa. Mais tarde encontrei na Havana os armadores de *Fernando Septimo* que pertenciam á melhor sociedade.

M. Burnay, moço Belga, cuja familia estabelecida em Lisboa estava em constantes relações com as ilhas de Cabo Verde, comprou a quinta de Carneiro e a casa, a mais importante da cidade de Santo Antonio e empreheceu novamente o cultivar os terrenos fertilissimos que se alastram desde o norte da ilha do Principe até ao mar. M.^{me} Burnay e sua familia animosamente o acompanharam. Esta familia muito branca de cabellos loiros e olhos azues apresenta um contraste frisante no meio dos trabalhadores negros de cabellos encarapinhados.

A estrada que de Santo Antonio conduz á quinta é em extremo pittoresca; é ornada d'arvores seculares cobertas de viçosas trepadeiras. As senhoras percorrem este caminho em machila. Uma extensa avenida arborizada leva-nos á habitação, onde uma varanda nos faz gosar d'um prazer mui raro n'estas regiões, uma deliciosa frescura.

Pombas, rolas e muitas outras aves crusam o seu vôo no espaço e estão desafiando os caçadores.

A dois passos d'esta hospitaleira casa umas pequenas grutas bem seccas offerecem magnifica sombra e a vista proxima do mar. Foi d'uma d'essas grutas que eu vi um tubarão cortar em dois o filho mais velho de M. Burnay.



O ATAQUE AO CAMPO — Descrição de Yvan Pramsnikoff, segundo uma gravura da edição inglesa

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 43)

PTERRENO desde o rio Varea até ali é coberto de uma camada arenosa, sendo o sub-solo formado por uma argila de côr cinzenta, variando desde o branco sujo até ao azul acinzentado.

Junto ao leito do Onda o solo é formado por uma forte camada de humos, que ainda assim assenta sobre o sub-solo da mesma argila acinzentada. Junto ao rio vi alguns montes termiticos, apresentando a côr azul cobalto.

O terreno das clareiras é habitado por uma especie de termites differente d'aquella que habita as florestas. As termites das clareiras constroem montes mamelados, apresentando o aspecto de cones truncados cobertos por cupulas hemisphericas, tendo de 80 centimetros a um metro de diametro na base, por igual altura. Nas florestas formam ellas verdadeiros cones, tendo de 4 a 6 centimetros de diametro na base, por 25 a 30 centimetros de altura.

São muito approximados, e semelham um eriçado de espinhos que parecem brotar da terra.

Estas termites das florestas vão buscar os materiaes das suas construcções muito perto da superficie da terra, porque nas suas architecturas figura como materia prima a terra vegetal que fórma o solo dos mattos, e estas, apesar do cimento empregado, não têm a ligação e dureza das termites das clareiras, que, empregando uma argila consistente, formam verdadeiras petrificações. Nas habitações das termites das clareiras, apesar do seu interior ser formado de células como as de um favo de abelhas, a bala Snider não penetra n'ellas a mais de 10 centimetros.

Como já disse, nas encostas que abeiram o Onda, estas formigas accumulam as suas habitações em limitados espaços, figurando, a quem de longe as vê, verdadeiras povoações Quimbandes.

Por espaço de uma hora, depois que deixei o acampamento, caminhei na margem do rio em terreno descoberto, mas depois entrei em uma esplendida floresta, cortada de riachos affluentes do Onda.

Por vezes, a floresta tomava o aspecto de um d'esses grandes parques do norte da Europa, onde uma viçosa relva cobria completamente o solo. No meio da matta os meus passos foram suspensos para contemplar uma das mais pittorescas paisagens que tenho visto.

Uma vasta clareira era occupada por uma lagôa de agua crystallina e fundo arenoso. Arvores enormes assombravam o pequeno lago, que reflectia os seus ramos de um bello verde-escuro, onde chilravam mil passaros.

A relva descia dos lados até á agua, e só desapparecia para deixar logar a uma areia alva e fina. Os pretos d'este paiz, que não são muito poetas, acham encanto n'este pequeno lago, a que chamam Lago Liguri, e em que já me haviam fallado.

Todos os riachos d'este paiz têm as margens apauladas, e na agua estagnada ha um deposito de côr vermelha, que ao principio attribui á presença de ferro, o que conheci ser engano, porque o chá verde feito com aquella agua não a denunciava ferrea, pela formação do tanato de ferro. Só, talvez, por uma accumulção de animaculos infusorios se produzem aquelles depositos vermelhos.

Desde o Bihé, observei, que em todos os pontos onde ha aguas estagnadas abundam sanguessugas, mas n'estes corregos affluentes do Onda são ellas em maior numero.

O rio continúa a ter entre 10 e 12 metros de largo, por 4 a 5 de fundo, e tem corrente muito insensivel. Abunda a caça.

No dia seguinte, caminhei a S. E., sempre na margem direita do Onda, por espaço de tres

horas, sendo difficil a passagem de uma emmanhada floresta, e mais difficil ainda o vadear o ribeiro Cobongo, de 4 metros de largo por 1 de fundo, e cujo leito lodoso embaraçava o andar.

Depois de tres horas de caminho, afastei-me do Onda, seguindo a margem do ribeiro Cangombo, que passei indo acampar na margem esquerda do ribeiro Bitovo.

A 30 de junho, segui a Lêste, aproveitando toda a margem do Bitovo, para caminhar livre de floresta, e d'ali passei ao valle do ribeiro Chiconde, cujo curso segui até ao Cuito, onde acampe. Fez-me profunda impressão o contemplar as aguas do ribeiro Chiconde, correndo velozes para o Cuito. Até ali tinha encontrado aguas correndo ao oceano Atlantico, e essas aguas, cujo murmurio acalentava o meu somno, eram como um laço que me prendia á minha patria, indo cahir no mesmo mar que banhava o meu Portugal. Se ellas podessem converter o seu murmurio em fallas, que de saudades, que de angustias que viram, podiam ir contar aos meus!

Ao deixar o Bitovo partiu-se esse laço que me ligava á costa do Oeste. Que pungente saudade não foi a minha!

Fazia um anno n'aquelle dia que eu fôra dar o abraço de despedida a meu velho pai, e recordou-me mais do que nunca que elle me deixára com o presentimento de não mais me vêr.

N'aquelle dia já assentava o meu campo no paiz dos Luchazes, tendo deixado o dos Quimbandes com o ribeiro Bitovo.

Vieram alguns homens e mulheres das povoações da margem direita do Cuito ao meu campo, mas nada trouxeram que vender, e nós precisavamos de comida. Prometteram comtudo que no dia seguinte trariam algum massango, porque não cultivam milho nem mesmo Masambala.

Nos seus arimbo cultivam o massango, alguma mandioca, feijão fradinho, ginguba, mamona e algodão, tudo em pequena escala, apenas o necessario para o consumo do cultivador.

Colhem bastante cêra, já apanhada nas florestas, e já de colmêas que collocam sobre as arvores, e onde os enxames vêem habitar.

A cêra é um genero que elles permutam por peixe secco do Cuanza, que os Quimbandes ali vão levar. O rio Cuito ali não tem peixe.

Os povos Luchazes são pouco viajantes, e apenas deixam as suas povoações para fazerem pequenas caçadas aos antilopes, afim de obterem pelles para se vestirem.

A pequena cultura é feita por homens e mulheres.

O soveta que governa as poucas povoações da margem do rio Cuito é o Muene-Calengo, que paga tributo a outro sova Muene-Mutemba, cuja povoação não pude precisar bem onde fica.

Estes Luchazes trabalham em ferro e fazem todas as obras de que precisam. O ferro é encontrado no paiz.

Uma cousa unica que vi entre os povos barbaros que visitei, é usarem os Luchazes de isqueiros para fazerem fogo, com fusil e pederneira. As pederneiras são trazidas pelos Quibocos, ou Quiocos, que as vêem trocar a cêra; e os fuzis fabricados por elles são de ferro forjado e temperados em agua fria, onde os lançam, estando o ferro rubro. A isca é preparada com algodão misturado com a amendoa pisada, contida no endocarpio de um fruto chamado micha.

As mulheres Luchazes usam cestos differentes dos empregados pelas Quimbandes, e differentemente os trazem, porque são suspensos da cabeça por uma larga tira de casca de arvore, e cahem sobre as costas.

Este modo de trazer os cestos impede-as de trazerem os filhos, como é uso geral em Africa, sobre os rins, trazendo-os ao lado.

No dia seguinte, vieram de manhã algumas mulheres trazer massango, mas em tão pequena quantidade, que mais fez sentir a fome que já tinhamos.

O rio Cuito tem no ponto em que o passei 7 metros de largo por 1 de fundo, com uma corrente de 25 metros por minuto.

É affluente do Cubango, e na sua confluençia assenta a grande povoação de Darico.

Nasce na planicie de Cangaba, onde têm nascente muito proxima o Cuime e o Cuiba, affluentes do Cuanza, e o Lungo-é-ungo, affluente do Zambeze.

Não podendo obter viveres, resolvi seguir ávante, e quando dava ordens para levantar campo, chegava á margem do rio Cuito uma comitiva de escravos, capitaneada por tres pretos.

Apoderei-me dos tres pretos, e soltei todas as escravas, pois que na comitiva não iam escravos. Fiz com que entrassem no meu campo, e disse-lhes que eram livres, e se quizessem acompanhar-me eu as fazia chegar a Benguella.

Disse-lhes que nada receiassem dos seus guardas, e que se convencessem de que eram livres. Declararam-me uma a uma, que não queriam a

minha protecção, e que as deixasse ir como tinham vindo.

D'onde eram? Não m'o sabiam dizer. Que fazer? Repugnou-me leval-as commigo a despeito seu. Depois de algumas instancias resolvi deixar aquellas desgraçadas seguirem o triste fado a que não queriam esquivar-se.

Demais, seria elle melhor se me seguissem? Não é facil, ainda que isso se afigure na Europa, libertar uma leva de escravos, quando essa leva é encontrada longe dos dominios Europeus.

Uma leva de escravos tem gente de naturalidades diferentes, e muitas vezes longiquas.

Se aquelle que os pôde libertar os quizer restituir ás suas familias, tem de percorrer uma grande parte d'Africa á busca dos lares dos seus protegidos, o que é praticamente impossivel.

Abandonal-os e dizer-lhes:—*Ide-vos*—é fazel-os novamente escravos dos primeiros povos que encontrarem.

Muitas vezes, aquelles desgraçados, arrancados das povoações em tenros annos, perderam da memoria o sitio onde nasceram, e fallando já uma lingua differente da que balbuciam em creanças, e esqueceram longe dos seus, têm por sua patria a terra da escravidão, e não conhecem



A CAÇA AOS PATOS — Desenho de Yvan Pranishnikoff, segundo o texto

outra. Hoje, depois que os navios de guerra, portuguezes e inglezes, cruzam no Atlantico e no Indico, e impedem a exportação do homem, a escravatura é genero de permutação apenas no interior, e o seu systema tem-se modificado.

O escravo apparece em Africa por dois modos. Ou é o prisioneiro de guerra, ou é o genero de pagamento de divida pelos parentes.

Outr'ora fazia-se a guerra expressamente para se fazer o prisioneiro, e infelizmente ainda hoje se faz, posto que em menor escala.

O ente humano dado pelo parente proletario em pagamento da divida contrahida, ou da multa decretada, é vulgar.

No caso de guerra, outr'ora todo prisioneiro servia para escravo, porque lhe não era facil, adulto que fosse, voltar da America á Africa. O Atlantico era garantia segura.

Os adultos mesmo, podendo logo produzir um trabalho maior, eram preferidos ao adolescente e á creança.

Hoje não é assim. O homem feito foge, e tem sempre na ideia o voltar ao ninho d'onde o arrancaram, e essa esperanza não o abandona em quanto pisa o continente onde tem seu paiz.

Disse-me a mim um negreiro:—*são muito fugitivos*. A creança, o adolescente e a mulher, offerecem ao commercio maior garantia, porque, espiritos mais irresolutos, não ousam encarar o pensamento de atravessar paizes enormes para voltar ao seu.

Tem por isso mais valor, hoje, na Africa Austral, a creança e a mulher, e nas levas de desgraçados que infelizmente ainda arrastam os duros grilhões atravez do solo Africano, é raro vermos um homem feito.

(Continúa.)

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha AA)

A INFELIZ victima ainda conservou forças para chamar sua mãe que estava na quinta. Julgue-se do desespero d'esta mãe quando viu seu filho n'aquelle misero estado!

Os tubarões frequentam muito a bahia de Santo Antonio, onde encontram farta alimentação em todos os detritos que os habitantes lançam ao mar.

A cidade está situada ao fundo d'esta bahia estreita entre dois pequenos rios lodosos; as casas construídas sobre escacaria têm uma escada exterior; o ar circula-lhes por baixo.

A ilha d'Anno-bom, rochedo perdido no meio do mar, quasi que não vale a pena que n'ella se falle. Pertence nominalmente á Hespanha que de vez em quando lá manda um padre baptisar e fazer os casamentos; é elevada e fértil; passa por ser a mais saudavel das ilhas do golpho da Guiné, o que é attribuido ás correntes d'agua fria que a rodeiam para irem para o golpho de Biafra, onde a corrente do golpho da Guiné as encontra. As correntes emergem d'este golpho em contra-correntes que se manifestam ao sudoeste e ao noroeste.

XXXI

A Africa meridional—Estações—Rios
O imperio do Congo—Religião—Aspecto do Congo.

A Africa meridional só tem duas estações; nas proximidades do tropico de Capricornio as chuvas começam mais cedo que nas regiões situadas mais ao norte; á medida que se avança

n'esta direcção, as chuvas cada vez são mais tardias e isto até chegarmos ao tropico de Cancer.

Os grandes rios da Africa meridional que desagdam no Atlantico são mais de quarenta; o Congo, o Quanza, o Cunene e o Orange são os mais importantes. O unico d'estes rios completamente navegavel é o Congo ou Zaire, cuja margem esquerda é muito saudavel; foi descoberto em 1844 pelo portuguez Diogo Cão. Os povos habitadores das suas margens até a uma certa distancia tinham certo grau de civilisação e um systema politico e religioso bem estabelecido.

N'Zambi Ampongo, uno e todo poderoso, é o deus do Congo; Quibondo é o deus principal dos Jaghas, verdadeiro Siva, sanguinario e cynico; ao mar chamam Calinga, o infinito, o deus desconhecido subjugado por Quibondo; Havie e Cassombé são idolos machos e femeas; as raças gangas adoram Cassuto, Mangi e Ibondo, as principaes personificações da

divindade. Estes idolos reunidos muitas vezes tomam o nome d'Iteque.

Os gangas ou ogangas são os ministros do culto; ordinariamente tomam o nome do idolo que servem; Ganga Iteque é o chefe. Esta corporação gosa de muitos privilegios, confiada á sua guarda estão as tradições da patria; são os ministros da chuva; concededores dos efeitos do raio recommendam que se não suba ás arvores; sabem fazer resuscitar os fulminados pelas scintillas electricas. Adoram o bode e a serpente que cura a loucura; possuem um grande numero



E. RONJAT

PAHUIN

Desenho de E. Ronjat, segundo uma photographia

de remedios; parecem ter conhecimento da pilla electrica, pois que sabem obrigar os cadaveres a terem movimentos authomaticos. ¹

O *chitomé*, uma especie de bispo, tem jurisdicção sobre os gangas; não deve morrer de morte natural. O *n'gombo*, logar immediatamente inferior, encarrega-se de o estrangular e succedelle; deve conservar as reliquias do assassinado. O *n'gosa* deve ter onze mulheres, nem uma de mais, nem uma de menos. Sem duvida este numero é um symbolo ainda desconhecido. A primeira visita que os governadores negros têm a fazer é ao *chitomé*. O culto dos mortos está muito em uso no Congo. Assim como em toda a Africa estes povos temem os duendes e as almas penadas, *zinzé-uminé*. A seita dos *n'quiti* é timivel: fôrma uma sociedade analoga aos *areois* do Taïti; esta seita tem por costume iniciar os individuos disformes; a iniciação prepara-se pela ingestão d'uma bebida que faz cahir o iniciado em catalepsia. Os segredos da ordem são inviolaveis. O culto d'estes povos tem vestigios d'um pantheismo grosseiro. Ampongo transforma-se em rocha como o *mooui* do Taïti; adoram as arvores, os rios e fazem ceremonias para tornarem a pesca abundante, ou afastar os jacarés quando atravessam um vau; conhecem diversos filtros para agarrar elephantes, bois selvagens e mesmo homens que vendem. A crença nos feitiços, nos *bezoards* é geral; os miolos do porco montez e o estomago das gazellas fornecem os *bezoards* mais apreciados, os que curam uma infinidade de males e que se vendem mui caros.

Os productos da Africa meridional differem pouco dos do norte; o ouro existe ali em ricos filões, mas a politica dos soberanos africanos tem sido desde tempos immemoriaes o occultar estas minas aos Europeus de quem receiam invasões. O cobre sobre a fôrma de malachites, o ferro e o sal são os unicos productos explorados; estes productos apresentam-se nos mercados da costa juntamente com o marfim, oleos e madeiras de marcenaria. No Congo o unico meio de transporte é o homem, o que muito restringe as transacções.

Hoje o reino de Caongo é o mais florescente dos pequenos Estados ao norte do Congo; é atravessado pelo Chilongo, rio que desagoa no mar ahi por cinco graus de latitude sul; os Eu-

¹ Nesta parte da Africa ha fortes magnetes naturaes.

ropeus fundaram em Laudana feitorias pertencentes a Francezes e Hollandezes. O Loanda de que o Caongo é um resto tinha sido antigamente a séde d'uma missão franceza.

Malemba, Ambriz foi outr'ora celebre pela quantidade d'escravos que d'ali eram expedidos para o Brazil e Antilhas; n'estes ultimos tempos o Congo parece ter centralizado o commercio feito antigamente pelas suas bahias que não são distantes e servem a mesma bacia.

A foz do Zaire tem mais de duas leguas de largura; um banco chamado Mona Mazea que se formou do lado direito atira com as aguas para a margem esquerda, que ao norte do cabo Padrão cavaram um leito estreito, mas profundo, no qual se encontram entre noventa e seiscientos metros de profundidade. A violencia da corrente está na razão directa da profundidade e por isso os navios, que não sejam a vapor, para subir o Zaire devem esperar bom vento do largo; d'este modo dobra-se sem grandes difficuldades o cabo Padrão, a que os Inglezes chamam ponta do Tubarão. O immenso volume d'agua expellido pelo rio estende-se para bem longe, podendo-se a mais de tres leguas ao largo encontrar-se agua doce.

A margem direita é elevada e sadia; os povos são aqui doces, offerecendo ao commercio a segurança que o attrahiu. Uma pequena enseada chamada Banana converteu-se n'uma pequena colonia europea, onde fluctuam as bandeiras dos diversos paizes que ahi têm feitorias. Ponta da Lenha na mesma margem está situada vinte e cinco milhas agua arriba; n'esta altura o rio estreita; o leito que ahi só tem dois mil metros de largura é obstruido por immensas ilhas. Embora está a doze leguas acima de Ponta da Lenha. Estes dois pontos são centros de activo commercio e os negociantes europeus fazem ahi fluctuar as suas bandeiras; uma grande quantidade d'escaleres e lanchas a vapor unem entre si estes centros e dão ao rio um aspecto cheio d'actividade. As cataractas de Yellala estão a cincoenta milhas de Emboma; interceptam a navegação, mas na parte do rio que as precede as aguas são tranquillias.

Entrei no Zaire ou Congo na fragata *Zenobie* a 16 de setembro de 1867; encontrei ali a corveta ingleza o *Grey-Hound* e dois outros navios da divisão naval ingleza, um dos quaes installára no cabo Padrão uma enfermaria para tratamento dos enfermos atacados de variola.

XXXII

Angola — S. Paulo de Loanda — Orçamento colonial
— Forças militares

Quando se deixa o Congo em direcção a S. Paulo de Loanda, ou unicamente Loanda, encontram-se algumas feitorias europeas, estabelecidas no Mang-Grande, no Ambriset e em Kissimbo; os chefes dos territorios em que ellas estão situadas não reconhecem a soberania do rei de Portugal. Com effeito a primeira cidade da colonia d'Angola é Ambriz situada nas margens do rio Loge. Por traz d'Ambriz encontram-se os terrenos accidentados de Bamba; os seus vertices, envolvidos em nevoeiros, do largo parecem outras tantas ilhas que nascem do Oceano e produzem um agradável aspecto, quebrando a monotonia d'esta viagem.

O granito abunda n'estas montanhas, onde se encontram minas de ferro e de cobre; os terrenos secundarios fornecem cal e lousa; vastos valles cortados por numerosos ribeiros cortam estas cordilheiras; as aldeias são abundantes n'esta região montanhosa e as communicações faceis; os caminhos são veredas escabrosas que serpeiam por montes e valles e que obrigam a passar muitas vezes a mesma corrente d'agua. As ruínas dos conventos que cobrem a região attestam os esforços feitos pelos missionarios para ali implantarem a fé christã. Os jardins que embellezam estas construcções estão cheios dos melhores fructos da Europa, Asia e America.

Rochedos avermelhados, onde o mar se quebra com furor, são aqui o limite do continente; os rios dão accesso ás regiões do interior, cuja fertilidade contrasta com a aridez da costa desporvida de vegetação; os rios Daudi e Bengo são os mais proximos de S. Paulo.

Em seguida avista-se o Morro das Lagostas; marca a entrada da bahia de S. Paulo de Loanda. Loanda está dividida em cidade alta e cidade baixa; um passeio publico estende-se ao longo da costa servindo de recreio aos ociosos que podem passear até ao forte do Penedo, de baixo dos muros do qual têm as Messageries um deposito de carvão.

S. Paulo de Loanda tem o aspecto d'uma pequena metropole: uma vasta igreja, ruas arborizadas, casas á europea ornam a cidade baixa habitada pela classe commercial; uma rampa de declive forte conduz á cidade alta habitada

pelos funcionarios do Estado. É alli que estão o palacio do bispo, do governador, o hospital, o observatorio e as egrejas pertencentes aos conventos supprimidos. Os costumes de Loanda são mais brasileiros do que portuguezes. Raro se anda ali a pé; as machilas crusam-se em todos os sentidos; algumas carruagens tiradas a mulas percorrem as ruas e fazem recordar o aspecto das grandes cidades.

Loanda tem falta d'agua; alguns poços, poucos, foram abertos na parte alta e não se sabe qual admirar mais, se a paciencia das criadas que esperam a vez, se a destreza com que ellas atiram ao poço as suas cabaças suspensas de tres cordeis e as pucham com prodigios d'equilibrio trazendo... um copo d'agua.

Os barcos cisternas todo o dia fazem viagens pelo rio Bengo para trazerem a agua necessaria aos habitantes em numero de quatorze ou quinze mil; os Europeus ou filhos d'Europeus são em numero de mil e quinhentos a dois mil.

A ilha de Loanda é muito areenta; em diversas epochas, em tempos de guerra, tem sido a residencia d'um grande numero d'Europeus, que a abandonaram logo que a segurança pessoal lhe era garantida no continente. Hoje é moda ter uma casa de recreio na ilha que os coqueiros animam com uma deliciosa verdura.

O palacio do governador geral é vasto e faz recordar uma epocha em que as antecamaras estavam pejudadas de criados de libré; hoje o governador vê-se obrigado a restringir as despesas coloniaes ao estricamento necessario e as antecamaras estão vacias.

N'uma das visitas que fiz a s. ex.^a o governador geral d'Angola encontrei nos seus vastos salões um principe do Congo que o viera comprimentar; trazia o uniforme da infantaria portugueza. Uma immensa espada de fôrma antiga, cujo punho era ornado de pedras falsas era trazida por um dos do seu sequito. O seu ar humilde attestava a decadencia da dynastia Laquemi. As suas feições eram regulares; tinha a cabeça redonda que carecterisa a raça congo; a côr bastante clara e os olhos á flor do rosto; fallava correntemente o portuguez e conversava de boa vontade.

Quantas recordações desperta uma visita aos palacios dos governadores e visoreis portuguezes! Já d'outra vez descrevi no *Tour du Monde* as ruínas que se têm accumulado em volta da velha Goa e os esforços que se têm feito para fazer reviver uma colonia que se definha.

Visitei Moçambique, vi essa fortaleza da qual cada pedra veio aparelhada da Europa nas naus d'Albuquerque e que foi construída debaixo das vistas do grande capitão, quasi pelas suas proprias mãos. Visitei tambem o palacio do governador e ahi tambem n'essas extensas galerias e nas salas d'espera encontrei o mesmo silencio e solidão que em Loanda. Em quanto que eu almoçava com o governador um ichneumon¹ veio-me pedir algumas migalhas; era o commensal de todos os dias do governador. Davam-lhe um ovo que quebrava com suprema habilitade.

Este pequeno quadrupede terminada a refeição desaparecia e ninguem lhe sabia do esconderijo; pareceu-me vêr n'elle o genio familiar da Africa, vindo pronunciar o *Mane Thicel Phares!* d'uma colonia que agonisa.

Depois d'esta minha visita a velha colonia portugueza rejuvenesceu. Os signaes d'um progresso geral são evidentes; a população branca augmenta, principalmente na capital e no sul nos arredores de Mossamedes; a agricultura e o commercio tomam cada dia maior desenvolvimento; um serviço de barcos a vapor está estabelecido entre Loanda e Dondo.

O orçamento feito em 1866 estabelecia para o exercito colonial um effectivo de oito mil e setecentas praças de infantaria, a maior parte das quaes são ali recrutadas; os officiaes e os sargentos são europeus ou mulatos. O exercito está espalhado pelos cinco districtos que formam a divisão territorial da colonia de Angola.

O Ambriz que conta vinte e dois mil habitantes dispõe d'uma força militar de seiscentos e trinta e oito soldados. Benguella conta setenta e cinco mil habitantes e a sua força militar é de trezentas e setenta e duas praças. Mossamedes tem egualmente setenta e cinco mil habitantes e a força militar ali estacionada é de duzentas e setenta e uma praças. Colongo Alto conta duzentos e trinta e oito mil habitantes e dispõe de uma força militar de tres mil quinhentos e noventa e sete praças.

A totalidade dos habitantes submettidos á corôa de Portugal é de quatrocentos e setenta e cinco mil individuos, duzentos e desasete mil dos quaes são christãos. Esta população é governada por setenta chefes chamados *dembos*, que

têem sob as suas ordens quatrocentos e quarenta e quatro *sovas*, e por trezentos e dezanove *sovas* que obedecem directamente ao governador geral.

A colonia tinha vinte e tres mil libertos. Portugal por um decreto de 25 de janeiro de 1859 aboliu em principio a escravatura e os escravos são livres desde de 29 de abril de 1878.

Contentas havidas entre os negociantes portuguezes e os regulos do interior motivaram uma guerra na qual o forte de Cassange cahiu no poder dos Sundas e Benguelas. Os regulos têm um grande interesse em conservar as relações commerciaes para que este estado de guerra se prolongue por muito tempo. O regulo em 1864 pediu para tratar directamente com o governador geral. O seu filho abjurou dos erros dos seus antepassados para tomar ordens e fazer-se missionario.

XXXIII

O Quanza—A arte africana: esculptura—Esculpturas em alto relevo feitas em marfim—escravatura—Benguella, Bahía dos elephantes—Mossamedes.

O Quanza, o maior rio de Angola, desagôa a algumas leguas acima da ilha de Loanda; a barra é perigosa e os barcos a vapor que a frequentam muitas vezes naufragam. Portugal tem feito altos esforços para regular o leito d'este rio que é navegavel por espaço de duzentos kilometros, até Cabambe, onde ha umas cataractas que se não podem passar. O commercio depois do serviço dos barcos a vapor centralisa-se em Colombo e principalmente no Dondo. Não têm faltado planos para levar as aguas doces do Quanza por um canal á cidade, nem traçados de caminhos de ferro; mas as finanças coloniaes estão desequilibradas e a metropole tem todos os annos de enviar dos seus cofres cerca de cento e oito contos.

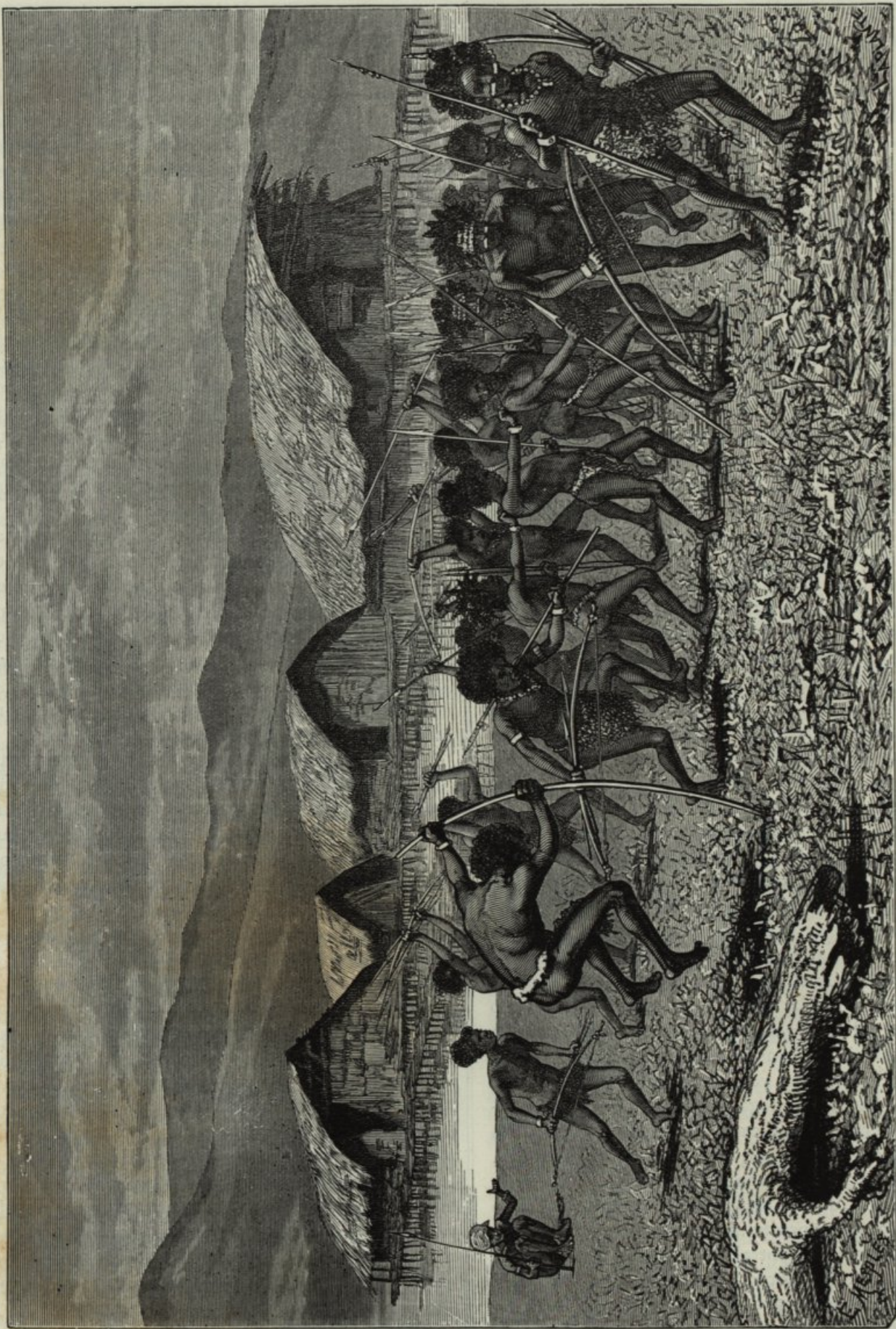
A arte africana conserva-se ainda rudimentar; o desenho limita-se a representar grosseiramente nas paredes das cubatas dos chefes alguns animaes.

A tecelagem está mais adiantada; as tramas são tiradas de duas plantas textis, o algodão e a palmeira. O algodão é fiado por meio de fusos; graças a esta manipulação adquire uma força e elasticidade que os processos mechanicos da Europa não lhe dão.

Fazem-se muitos tecidos de folhas de palmeira: é o *enimbas* do Gabão, o *raflia* de Madagascar que fornecem esta preciosa materia.

(Continua.)

¹ Genero de mamiferos carnivoros digitigrados.



DESCIDA DOS GUERREIROS ARFAKS A DOREY

VIAGEM Á NOVA-GUINÉ

POR

ACHILLE RAFFRAY

ENCARREGADO D'UMA MISSÃO SCIENTIFICA PELO MINISTERIO D'INSTRUCÇÃO PUBLICA EM FRANÇA

(Continuado da folha 41)

A TRAVESSAMOS um outro pequeno valle e novamente tornamos a subir; emfim depois de cerca de sete horas de marcha, durante as quaes não chegamos a percorrer oito kilometros e meio, uma clareira na floresta fez-me presentir que estavamos a chegar. Alguns passos mais e desembocamos sobre o flanco muito abrupto da montanha, profundamente cavada pelas torrentes. Em quatro collinas isoladas estavam quatro cabanas que compunham toda a povoação de Mémiaona.

Gosei d'uma esplendida vista: a este havia por horisonte a immensidade do oceano Pacifico; não longe um largo e profundo valle, onde corria, de sul a norte, o rio Ouosaoni, que desce do pico do mesmo nome, que eu avistava por detraz de mim.

Estava na região d'Amberbaki. Já fallei das cabanas construidas sobre estacaria que eu visitei em Aïambori; estas ultimas eram apenas um ensaio timido d'architectura aerea dos Papus, cujos especimens mais perfeitos tinha agora ante os olhos. Perguntava a mim mesmo, como era que uma rajada de vento não arrebatava estas habitações que pareciam ninhos d'aguas sustentadas no ar a quinze metros sobre delgadas estacas, cuja solidez consistia no crusamento que as escorava umas ás outras. A sua posição geralmente escolhida sobre o ponto mais elevado d'uma collina de lados quasi verticaes dava a estas arrojadas construcções um aspecto vertiginoso. O mais das vezes, em virtude da altura a que se tinha de chegar, o tronco d'arvore inclinado servindo d'escada era dividido em duas partes deseguaes por uma especie de patamar, tambem construido sobre estacaria.

Subi a uma d'estas casas, cujo proprietario me offerecia hospitalidade e em vez de encontrar o corredor central e os quartos lateraes que encontrára em Dorey e em Aïambori, encontrei apenas um extenso alpendre tendo em cada extremidade uma pequena abertura servindo de ja-

nella e de porta que dava sobre a varanda. O soalho era dividido longitudinalmente em tres partes. No meio estava o corredor, separado dos dois lados, onde deveriam estar os quartos, por bambus collocados perpendicularmente de espaço a espaço; os dois corredores lateraes tinham sobre o soalho uma especie de esteira grosseira, mas bastante confortavel, feita de finas laminas de bambu.

O meu primeiro cuidado foi fazer n'esta habitação dois melhoramentos notaveis. Fiz tapestar o corredor central com cascas e pôr, em vez da escada lá existente, um tronco de arvore inclinado a pequenos espaços ornado com pequenos e fortes paus formando cruz com o principal a modo de uma escada, de forma que a subida e a descida não fossem para mim um continuado exercicio gymnastico.

Cederam-me ao fundo da casa um canto junto da porta-janella. Ahi instalei o meu leito de campanha, e o meu mosquiteiro; uma peça de fazenda serviu de cortina para me proteger da curiosidade inconveniente dos Papus. Da tampa das minhas caixas fiz *etageres* e declarei-me satisfeito, pois que era evidente a boa vontade com que me recebiam, o que me tirava o direito de mostrar-me muito exigente.

Até então ainda não vivera em tal promiscuidade com selvagens, homens, mulheres e creanças. Apesar de tudo, exceptuando o fumo e as emanações com que os olphatos, mais sensiveis do que o meu, se teriam incommodado, exceptuando ainda o ruido nocturno, os gritos das creanças, o grunhir dos porcos, o ressonar d'alguns adolescentes fatigados por um dia laborioso, eu estava menos mal em Mémiaona, tão verdade é que a satisfação moral ajuda notavelmente a supportar as fadigas e as privações phisicas. Eu estava em boa disposição d'espírito por a minha excursão a Chuberbaki se apresentar como devendo ser muito proveitosa.

Os que me davam hospitalidade, os Papus

d'Amberbaki, não differiam dos Maforos que me tinham acompanhado, a não ser pelos cabellos cortados rentes e pelo dialecto que parece ser muito differente, posto que todos comprehendessem o mafor. Elles são os proprios a dizerem, e o velho maior de Dorey m'o affirmava tambem, que eram d'origem mafor, assim como igualmente o são os Rumbiaks e os habitantes da povoação d'Onépaï com a unica differença de se terem tornado exclusivamente cultivadores. Eu creio que esta raça mafor, vinda do Este, emigrou para o Oeste para maior distancia do que Amberbaki e que é ella a que formou a povoação de Salwaty.

De todos os Papus que eu conheço, os Maforos são sem duvida os que têm o temperamento mais doce e mais sociavel e os Amberbakis, puros ainda do contacto malaio, caracterisam-se tambem pela grande timidez que eu vencia dando-lhes pequenos presentes.

Tinha já notado e em Amberbaki observei o pouco que dormem os Papus. Em vez de se estenderem e dormir, acoravam-se em roda da fogueira e travavam conversas interminaveis que duravam até ás tres ou quatro horas da manhã. Algumas vezes cantavam e tocavam tambor d'um modo discordante e desagradavel para ouvidos europeos, que outra coisa mais não queriam do que fechar-se momentaneamente aos ruidos da terra e refugiar-se na região dos sonhos.

A região em que assentava a povoação era tão pittoresca como fatigadora ao explorar; era uma serie de despenhadeiros a pique que corriam parallelamente ao mar estriando o flanco da montanha.

Sobre estes precipicios havia ás vezes, como pontes, troncos d'arvores polidos e ensebados pelos pés dos indigenas e que, posto que encurtassem o caminho, tornavam-o muito mais perigoso. Sem difficuldade se comprehende que eu tinha pressa de caçar para pelas minhas proprias mãos colher as riquezas zoologicas que esta região me promettia.

Não me cançarei repetindo mais uma vez a descripção d'esta natureza maravilhosa toda entrelaçada de formosos fetos arborescentes e coberta por essas abobadas impenetraveis de verdura, por baixo dos quaes se precipitavam as torrentes. Era alli, n'esse crepusculo artificial, n'essas folhas humidas d'orvalho que volteavam as mais formosas borboletas, o Ulysses cujas azas parecem feitas de saphyras e os ornithopté-

ros, cujo nome, que significa «azas d'ave» indica as suas roupagens magestosas. Como são bellos quando, agitando as suas grandes azas de veludo negras salpicadas d'ouro ou d'esmeraldas, borbototeam por cima d'uma cascata ou por sobre um abysmo! Quantos outros habitantes do ar eu desejaria descrever, se não receiasse o transformar esta singella narrativa de viagem n'um tratado de historia natural? Todavia não posso deixar de fallar n'uma maravilhosa ave do paraíso que um Papú me trouxe viva, a que Bufon chamava «o magnifico».

(*Diphylloides magnificus*).—É uma ave um pouco maior do que um melro, cinzento, com as pennas da cabeça curtas e avelludadas: o pescoço e as costas adornadas por dois collares moveis, o superior amarello-palha, o inferior vermelho-escuro. O peito é completamente coberto d'uma camada verde de pennas sedosas, as azas são amarellas e a cauda mui curta tem duas pennas mui finas como um fio d'um verde metalico que se alongam e recurvam em espiraes. Os olhos têm uma côr negra profunda e o bico e as patas azues; a parte interna do bico é esverdeada.

Mas descripção alguma pôde dar ideia da elegancia d'esta ave, nem da disposição das suas pennas. É um dos factos mais curiosos nas aves do paraíso a faculdade que ellas têm de, á sua vontade, eriçarem todas as pennas nas differentes partes do seu corpo.

O meu gentil prisioneiro encolhia o pescoço de fôrma que o corpo parecia uma bola. O seu collar e o plastrão formavam um unico collar de côres brilhantes, do centro do qual lhe sahia a cabeça. Ao contrario de outras especies das aves do paraíso que vivem no cume das mais altas arvores, o *Diphylloides* gosta de saltitar pelo chão no meio das folhas seccas, onde procura a alimentação e os Papús apanham-o a laço.

A delicada creatura era d'aquellas que morrem ao contacto profano e só as florestas virgens eram dignas de lhe servir d'asylo. Recusando toda a alimentação só viveu o tempo necessario para que meus olhos se saciassem.

O solo d'estas montanhas parece ser muito mais fertil que o de Dorey, posto que não seja cultivado com mais cuidado. O arroz e o tabaco crescem ali e dariam boas colheitas, necessitadas só d'alguns cuidados para serem excellentes. Em volta das cabanas vi grosseiros arroteamentos em que o *bété* attingia dimensões desconhecidas em Dorey. Vi tambem algumas

batatas doces e algumas cannas d'assucar, cuja vegetação evidenciavam a riqueza do solo. Os habitantes apesar d'isso não tinham alimentação mais confortavel; peor ainda talvez, pois que era essencialmente vegetal, sem mistura d'algum peixe ou mariscos, o que muitas vezes melhora a cosinha primitiva dos habitantes das costas.

Os Amberbakis além das raizes assadas de *bété* comem tambem algumas folhas de plantas selvagens cosidas dentro d'um bambu verde fechado nas suas duas extremidades. Quando o bambu começa a carbonisar-se, estão cosidos os legumes. Este processo não é sem inconvenientes e até sem perigos para os cosinheiros e para os que estão proximos. Muitas vezes o bambu muito bem fechado nas extremidades pela pressão do vapor rebenta e a iguaria é projectada em volta com grande pezar dos esfomeados, cujo espanto provoca uma hilaridade geral.

Diga-se todavia que, quando os leitões se tornam porcos, os comem; mas é uma iguaria rara, pois que os porcos são em pequena quantidade; quando muito poderá haver um para cincoenta ou sessenta habitantes.

Por causa d'estes pachydermes ia-me acontecendo uma cousa assaz desagradavel. Markus andando a caçar na floresta encontrou, disse elle,

dois magnificos leitões que julgou serem, ou fingiu que fossem, dois animaes selvagens. Avistal-os, pôr a arma à cara, fazer fogo e estendel-os um sem vida e o outro ferido foi obra d'um momento. Em seguida ajudado de William trouxe triumphante a caçada; apenas tinha chegado, quando uma velha, uma d'essas decripitudes humanas como só se vêem en-

tre os selvagens, reconheceu nas duas victimas os seus porquinhos muito amados, que ella creára nos seus braços magros e enrugados. Não havia que duvidar: o que ainda conservava alguma vida parecia arrastando-se para ella reconhecel-a como mãe adoptiva. Em resultado d'isto uma scena de prantos e lamentações, em que suspeitei o desejo de obter larga indemnisação.

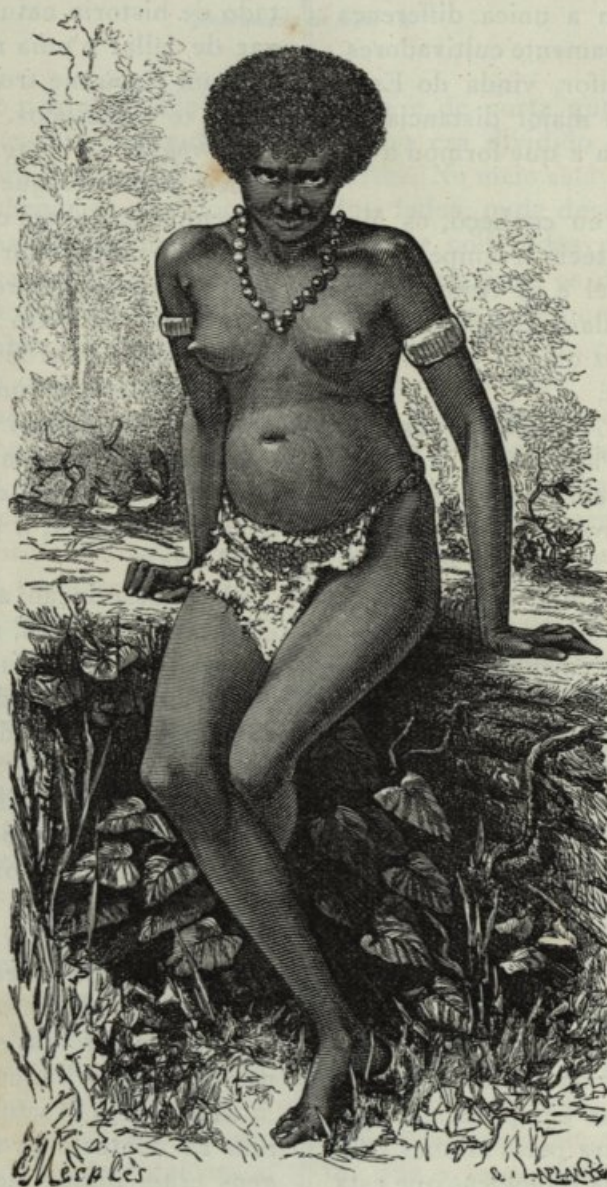
O mal era irreparavel; eu só tinha a propôr o pagar o preço do sangue derramado, mas o raciocinio dos Papus foi mais habil do que eu esperava; eu só queria pagar os leitões mortos e reclamavam-me o preço de dois porcos adultos com o pretexto de que os leitões teriam crescido e no fim d'alguns mezes alcançariam o preço que hoje me exigiam. Graças ao maior a quem promettera um bocado de carne das victimas terminou-se a questão; eu só pagava o valor dos leitões, de que dava as quatro pás à velha e aos seus amigos. Tudo isto me custou duas peças de fazenda, cuja perda me foi largamente compensada pela provisão de carne fresca que a mim e aos meus homens fez um grande bem.

Eu tambem não podia ralhar com Markus, cuja dedicação e habili-

dade muito contribuíram para enriquecer as minhas collecções com as mais bellas e mais raras aves.

Os boatos da minha presença em Mémiaona tinham-se espalhado pelas montanhas visinhas e impellidos pela curiosidade alguns Papus vieram de muito longe vêr o homem branco.

Os primeiros visitantes foram dois Ouosonnis, pae e filho. Usavam os cabellos curtos e



RAPARIGA ARPAK

o pae principalmente, era um verdadeiro typographo. Viviam a tres dias de marcha no interior sobre o monte Ouosaoni, cujo vertice eu avistava atraz da montanha em que estava. Fiz-lhe alguns presentes para os dispôr a concederem-me duas cousas, primeiro que me deixassem photographal-os e em seguida que me deixassem acompanhá-los. Depois de muitas promessas con-

seguir obter a primeira, mas a respeito da segunda mantiveram uma recusa formal, allegando que seria impossivel transportar as bagagens. Comtudo, custasse o que custasse, era necessario ir mais longe e principalmente subir mais para encontrar certas aves do paraizo que ainda me faltavam.

(Continúa.)

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 40)

AS DOENÇAS pareceram sempre o effeito de uma entidade malévola; a impossibilidade da observação e o empirismo dos remedios revestiram de imponente maravilhoso a arte de curar, passando a Medicina, antes de se constituir em sciencia concreta, por um verdadeiro periodo theologico ou mystico. Nos deltas do Egypto e da Chaldêa, antes da civilisação primitiva conseguir o regimen das aguas e da cultura, as febres paludicas provocaram a necessidade de organisar um systema de tratamento, segundo as noções dominantes. No Egypto, principalmente, as praticas medicinaes tomaram um exclusivo caracter magico, que nunca mais perderam, e que, pelo encontro das duas civilisações, accádica e kuschita receberam um certo syncretismo com que se espalharam na Europa, pelas invasões dos Romanos no Oriente e dos Arabes no Occidente. As primitivas fórmulas magicas tinham com certeza um sentido, como se descobriu pela leitura e interpretação dos velhos cuneiformes, porém na tradição da Europa repetiram-se inconscientemente. É por isso, que ao passo que persistem as imprecações *Hilca, hilca, becha, becha*, na feiticaria da idade media, a Igreja condemna o emprego de palavras intelligiveis. Nas *Constituições do Bispado de Evora* de 1534, prohibe-se o uso de *palavras innotas*. Vamos tratar d'este ramo importante das superstições populares, hoje abandonado á credulidade popular, mas que em rigor teve uma origem erudita e constituiu nos primeiros seculos da civilisação europêa uma sciencia theurgica. No processo de feiticaria de Luiz de la Penha, elle é accusado de curar com *palavras desconhecidas*, e ainda modernamente, para fazer um bruxedo, é necessario invocar o diabo com estas palavras:

Tenato,
Ferrato,
Andato,
Passe por baixo. ¹

A palavra, pela circumstancia de ser *desconhecida* ou *innota*, tem um poder magico especial; este caracter conservado ainda na feiticaria moderna, já apparece nos vetustissimos rituaes egypcios, e pôde-se dizer que d'elles deriva esta superstição. Alfred Maury, no seu livro da *Magia e Astrologia na antiguidade e idade media*, cita um trecho do tratado dos *Mysterios dos Egypcios*, em que se accentua este poder da palavra abstruza e incomprehensivel: «Considerou-se desde então como indispensavel quando mesmo o magico não comprehendia a lingua a que pertencia o nome do Deus, conservar esse nome sob a sua fórma primitiva, porque uma outra palavra não teria a mesma virtude. O auctor dos *Mysterios dos Egypcios*, attribuido a Jamblico, pretende que os nomes barbaros tirados dos idiomas dos Assyrios e dos Egypcios, têm uma virtude mystica e ineffavel derivada da alta antiguidade d'estas linguas, e da origem divina e revelada da theologia d'estes povos.»² Com relação aos nomes tomados da lingua dos assyrios, esses nomes são accádicos, e por isso muitos d'elles vieram transmittidos até á Idade Media, como veremos pelas Fórmulas marcellicas; com relação ao Egypto, o seu uso remonta a uma antiguidade que o torna

¹ Herculano, *Superstições populares*. (Panorama, t. iv, p. 164.) Foi o primeiro estudo que se fez em Portugal sobre este assumpto, e é esta a sua unica importancia.

² Maury, *Magie*, p. 42, 3.^a ed.

uma crença independente do theurgismo da decadencia alexandrina. Diz Lenormant: «Nós encontramos nomes d'este genero, dos quaes nenhum é egypcio, designando Set e Osiris, na imprecação magica de natureza funeraria que se lê sobre um papyrus do Louvre, datado do reinado de Ramses II:—Oh *Ualbpaga!* Oh *Kem-mara!* Oh *Kamalo!* Oh *Karkhenmu!* Oh *Aama-gaaa!* Os *Uana!* Os *Remu!* Os *Uthun!* inimigos do Sol.—Os nomes mysticos e magicos de physionomia barbara designando os deuses, têm um logar considerabilissimo nos quatro ultimos capitulos que se acham no fim do *Ritual funerario...* que Mr. Birch considera compostos pela epoca da xvi dynastia; ali descobre-se com certeza um certo numero de radicaes semiticos. Em termos formaes os nomes do capitulo CLX são tomados da lingua dos Anu da Nubia.»¹ Como diz Lenormant, nomes analogos são tomados da lingua dos negros do Punt, os *nahasi*, o que revela uma influencia da magia das populações africanas no Egypto.

Causas historicas provocaram a fusão dos diversos ritos magicos do Egypto e da Chaldèa, resultando uma propagação erudita na Europa, chegando a formar uma eschola secreta e uma litteratura apocrypha do chaldaismo. As Fórmulas inintelligiveis colligidas pelo medico de Bordeus, Marcello, do quarto seculo da era moderna, ao passo que nos revelam a corrente predominante do chaldaismo, são de proveniencia popular, o que nos comprova a existencia de um fundo popular de superstições na região da Aquitania, isto é, onde o elemento iberico resistiu mais tempo ás invasões celticas. O facto de serem populares na Aquitania leva-nos a inferir a sua origem iberica, e por tanto tendo relações tradicionaes com os cultos accadicos, e a precisar pela ethnologia a rasão da unidade das superstições occidentaes. Diz Ernest Charrière; «Nós não vemos difficuldades para crêr que na primitiva, a raça hespanhola e a italiana eram identicas e vinham juntar-se pelo laço natural da *Aquitania* e pelo meio-dia da Gallia, como o indicam todas as relações actuaes. A analogia da raça iberica com esta antiga raça autochtone que apresentam todas as antiguidades da Italia, tão completamente obliterada na historia sob a triplíce invasão dos Gaulezes, dos Etruscos e dos Gregos, deve ter sido anterior mesmo áquella que se estabeleceu depois pela imigração dos Sicanos e

Ligurios, e as denominações ibericas da Italia podem pertencer a esta communhão natural, que nós attribuímos ás duas populações.»¹ Não poderíamos apresentar com mais clareza o problema ethnico do occidente da Europa por onde se conhece a importancia do estudo das Fórmulas de Marcello para a comprehensão das mais remotas origens das nossas superstições e em especial da tradição das *palavras desconhecidas*.

Na magia popular da Europa conservaram-se as palavras de imprecação *Hilca, Becha*, que Lenormant vae encontrar nos livros accadicos da Chaldèa; este facto indica um caminho para a critica, e poder-se-ha suppôr, que as *palavras desconhecidas* reconhecidas com certas virtudes nas superstições populares serão muitas d'ellas conservadas como fórmulas tradicionaes accadiccas, mas sem a consciencia da sua origem. No livro de Marcello, *De Medicamentis*, escripto no fim do iv seculo, vem muitas fórmulas de medicina popular, palavras inintelligiveis de imprecações, que o medico burdigalense colligiu dos costumes e da tradição oral, como elle proprio o confessa; *Ab agrestibus et plebeis... dedici*. Jacob Grimm, o homem que alliou o genio com a erudição, publicou em 1849 um estudo *Sobre as Fórmulas de Marcello*, em que procurava provar que as palavras inintelligiveis eram vestigios de um dialecto gaélico fallado na Aquitania, para o que cortou essas fórmulas segundo a conveniencia da approximação de palavras celticas, apoiando-se ao mesmo tempo nos nomes celticas de plantas empregadas por Marcello. O grande celtista Zeus não se conformou com as explicações de Grimm, adherindo em 1855 ao modo de vêr d'este philologo Adolpho Pictet, o que fez com que Jacob Grimm desse um novo vigor ao problema. Belloguet, na *Ethnogenia gauleza*, deixa em desconfiança a interpretação de Grimm, porque essa these parte da hypothese que o gaulez da Celtica invadira a Aquitania extinguindo a lingua que aí se fallava no tempo de Cesar, lingua que se julga ter sido o *ibero* ou basco.

A região a que pertencia Marcello Burdigalense, a Aquitania, onde os Ausci ou Iberos persistiram resistindo ás invasões dos Arias na Europa, leva-nos pela particularidade da sua ethnologia, a procurar uma outra solução para este problema. Só depois que em 1866, Rawlinson e Norris publicaram as fórmulas da magia accadica, é que se produziram os elementos para

¹ Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens*, p. 25.

¹ *La Politique de l'Histoire*, t. I, p. 81.

determinar os paradigmas das primitivas superstições da Europa, assim como pelo lyrismo accadico se determinam tambem os typos das canções trabadorescas do occidente. No tempo em que trabalharam Grimm e Pictet, ainda não eram conhecidos estes inesperados recursos scientificos, e é por isso que os seus resultados, partindo de uma hypothese gratuita, apenas chegam a explicações engenhosas. Conhecidas as palavras accadicas protomedicas, susianas e assyricas usadas nas imprecações e esconjuros da magia chaldeo-babylonica, é necessario com estes dados novos que se retome o problema como o deixou Grimm, e se considerem as Fórmulas marcellicas, que foram colligidas da bocca do povo, como vestigios tradicionaes da raça que estacionou na Aquitania e aí resistiu ás invações celticas. Recuamos o campo historico, e damos uma base positiva, isto é, os ritos magicos e a medicina augural, que os Celtas não tinham mas sim os Iberos acantonados na Aquitania, para a aproximação e intelligencia das Fórmulas.

Eis a primeira das fórmulas de Marcello burdigalense (cap. 8.):

I EXCICUMACRIOSUS.

Pela aproximação das imprecações accadicas, leriamos: *Excicu Ma Cr Rios (us)*, que correspondem ás seguintes imprecações:

- Asakku* (a febre) em assyrico
- Ma* (o paiz) em accadico
- Kur* (a mantanha) »
- Rus* (o choque) »

Ainda hoje nas imprecações populares, o mal é repellido para longe, para lá das montanhas, para os mares amarells, etc.; a parte medicinal nunca tem relação com as fórmulas populares, e foi esta errada preocupação explicativa que levou Grimm e Pictet a traduzirem as fórmulas á priori pela analogia com os remedios indicados por Marcello.

II A segunda fórmula é: TETUNCRESONCO, BREGAN, GRESSO, que dividiriamos segundo as palavras accádicas imprecativas do seguinte modo: *T-etunc Res Onco Bre-gan Gresso*. Correspondem as accadicas:

- Zi* (espírito)
- Utua* (demonio favoravel)
- Res* (choque)
- s'unki* (imperio) em susiano
- Bil-gê* (chamma ardente)
- Gurus* (elevado)

III A terceira fórmula é INMON DERCOMARCOS AXATISON, a qual dividiriamos segundo as pala-

avras correspondentes das fórmulas magicas da Chaldêa: *In mon d' erco mar cós ax sa ta son..*

- Inne* (não) em proto-medico
- Mun* (bemfazejo) em accadico
- de* (mudar) »
- hur-ki* (proteger, illuminar) »
- mar* (caminho) »
- kus* (dirigir) »
- as* (imprecação) »
- sa* (campo) »
- da* (ir) »
- sû* (forçar) »
- IV RICA RICA SORO.
Ruk (homem) proto-med.
sera (por) »
- V KURIA KURIA KASSARIASOURORBI.
Kurra (oriente) acc.
kas (dois) »
- hur* (proteger) »
- As* (encanto) »
- ir* (nadir) »
- ub* (região) »
- VI VIGARIA GASARIA.
Ua (casa) sus.
galla (demonio) ass.
ge (inferior) acc.
zi (espírito) »
- ria* (correr) »
- VII ARGIDAM, MARGIDAM, STURGIDAM.
Ar (região) »
- ge* (inferior) »
- dam* (esposa) »
- Mar* (caminho) »
- ge* — »
- dam* — »
- As* (seis) »
- tur* (passar) »
- ge* — »
- dam* — »
- VIII CRISI, CRASI, CONCRASI.
kû (elevado) acc.
rus (choque) »
- kra* (face) »
- khon* (feixe) »
- IX HEILEN PROSAGGERI UOME SIPOLLA NABULIET
ONODIENI IDEN ELITON.
Oulom (deus phenicio) p. 122, Len.
par (brilhante) acc.
zakuz (brilhante) acc.
ua (casa) prot, med.
me (não) acc.
Soubulal (deus caldeo-blab.) p. 110.
Nabirtu (deus susiano) 321.

Tuoni (deus finl.) 230.

Dunyas (deus cissiense).

id (um).

en (encanto).

in Zuna (o deus Sin) 16, 127.

X XI EXUCRICONE XU CRIGRIONAISUS SCRISUMIOUE-
LOR EXUGRICONEXUGRILAU.

Zi (espírito) vè: si.

sakri (filho) prot. med.

aur kinuw (o ser existente) assys.

gur (restabelecer) ou.

nazi (senhor) sus.

....

....

....

sakri

aur kinuw

Zi

....

XI SICYCUMA CUCUMA UCUMA CUMA, UMA MA A.

Sikku (deus cissiense).

Khumba (deus cissiense).

Khumbume (id. susiano.)

É possível que as palavras para que não achamos analogas nas imprecações mágicas da Chaldêa provenham d'outras linguas falladas na Europa depois do seculo iv, ou mesmo que estas fórmulas estejam deturpadas pela pronuncia popular de uma lingua não escripta ou reduzida á escripta sob a pronuncia da baixa latinidade. Se o nosso ponto de partida, que julgamos admissivel, se justifica pelos trabalhos linguisticos dos assyriologos, então pôde dizer-se que se determinou a mais profunda camada das superstições ante-historicas da Europa e a verdadeira base para a unidade das tradições occidentaes. Tentaremos esta exploração aproximando as imprecações accádicas das superstições populares.

Rawlinson e Norris publicaram uma série de vinte e oito fórmulas de imprecações da Chaldêa, achadas nas ruinas do palacio real de Niveve, e escriptas no velho accadico, lingua sagrada, que foi para a civilização assyrio-babylo-nica o mesmo que o latim foi para os crentes da idade media da Europa. Estas vinte e oito fórmulas, traduzidas do texto primitivo por Lenormant, encerram riquissimos elementos comparativos para recompormos a camada turaniana ou iberica das superstições populares, que ainda subsistem. Na primeira fórmula do encantamento deprecatario cita-se o *demonio do deserto*; ¹

nas ilhas chama-se-lhe o Entreaberto e só apparece nos logares solitarios, á hora magica do meio dia. O *demonio do mar* corresponde ás *fadadas marinhas* e á crença de que o mar todos os dias devora um folego vivo; é tambem no mar que andam os diabos á solta no dia de S. Bartholomeu.

Na segunda fórmula, falla-se no *Demonio que se apossa do homem*, e a esta superstição corresponde a possessão demoniaca, que recrudesciu no seculo xvi, sendo o pretexto para os tremendos processos judiciarios da Allemanha, e das fogueiras da Inquisição em Hespanha e Portugal. Na terceira fórmula fala-se na prostituição sagrada, que apparece nos costumes da Idade media, e allude-se ao periodo magico do *começo do mez incompleto*; tambem na fórmula xv ainda se repete *no começo de um mez incompleto*. Em uma nota ajunta Lenormant: «Parece que o *mez incompleto*, expressão que nós não podemos explicar por ora de um modo satisfatorio, mas que se reproduz muitissimas vezes nos documentos magicos, era um momento particularmente nefasto.» ¹ Nos cantos populares portuguezes e hespanhoes é frequente este prazo magico:

Era pelo *mez de abril*,
De maio antes um dia.

Na fórmula iv vem a imprecação contra o *demonio que fórma nós*, e contra a *ulcera que se propaga*. O rachitismo é ainda considerado pelo povo como *nós* que não deixam crescer a criança, e chamam atado ao homem que não pode ter relações senão com uma mulher por effeito de sortilegios. Na medicina do povo, os *cobros*, ou a *cobrella* são as ulceras que se propagam, as quaes se curam com uma oração especial. Na fórmula v, ha a imprecação contra o *pezadello*, superstição ainda vulgar em todas as classes sociaes. A fórmula vi é cheia de referencias a superstições ainda vigorosas; impreca-se ahi contra *aquelle que fabrica a imagem*, contra o *olho mão*, e a *palavra malfazeja*; a primeira referencia é a dos feitiços contra uma pessoa, praticados na imagem d'ella fabricada para esse fim; o *olho mão* é o poder que tem o olhar de certas pessoas para causarem desastres, ou dar quebranto; é esta a fonte de todos os males entre o povo, e as curas começam sempre por uma oração para tirar o quebranto. A *palavra malfazeja*, é a praga rogada, que tem um tremendo poder.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

¹ Ap. Lenormant, *La Magie chez les Chaldéens*, p. 3.

¹ Op. cit., p. 7.



TRAHIDO! — Desenho de E. Bayard, segundo o texto

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 45)

PMA vez que fallei na escravatura, direi ainda mais algumas palavras sobre ella.

Portugal, a Inglaterra e a França tem nos ultimos tempos empenhado uma verdadeira lucha contra o commercio da carne humana, e as modificações feitas nas antigas praxes americanas, concorreram para que esse commercio diminuísse consideravelmente, e se modificasse essencialmente na Africa Austral.

Comtudo, eu atrevo-me a dizer, que não será

ainda a geração que ora começa, aquella que verá desaparecer o escravo do solo Africano.

O mesmo principio que imperava outr'ora na America, fazendo colonisar com os escravos, existe e existirá por muito tempo em Africa.

Os governos pretos tambem tem a sua politica colonisadora, e entre elles e os logares de procedencia do escravo, falta-nos um Oceano, onde possamos fazer singrar as nossas esquadras, e proteger os mesquinhos com as nossas

baterias d'aço. Só os principios civilisadores poderão fazer cessar um dia a escravidão; mas infelizmente esse dia está longe, porque os argumentos de que se servem esses principios, são menos eloquentes e menos energicos do que os projecteis cylindro-cónicos o foram no Atlantico e no Indico.

Eu tenho para mim, que a abolição da escravatura, no interior da Africa Austral ha-de existir de facto, quando deixar de existir a polygamia entre os pretos; porque, ainda que os principios civilisadores façam desaparecer o escravo, a sensualidade azinina do negro fará substituir a escrava.

Isto não quer dizer que eu descreia de que se possam dar alguns rudes golpes de immediato effeito no reprovado commercio, mas sim que penso na difficuldade do seu completo terminio. Já vae longa a divagação, voltemos ao assumpto.

Dizia eu, que as raparigas não quizeram ser livres, e seguiram os seus conductores.

Eu preparei-me tambem para partir, forçado sobre tudo pelas imperiosas necessidades dos estomagos, que em viagens de exploração governam tanto e mais do que as sociedades de geographia.

Segui quasi a Leste, e depois de marcha de duas horas, avistava uma povoação e acampava na margem de um ribeiro perto d'ella. Soube que ribeiro e povoação se chamavam Bembe.

Quando começava a faina de cortar madeira para acampar, vi de repente os meus pretos dispersarem-se em varias direcções, fugindo espavoridos. Não atinava eu com a causa de tal terror, e dirigi-me ao sitio onde elles trabalhavam, a investigar o que seria. No logar onde eu tinha mandado construir o campo, milhões da terrivel formiga chamada pelos Bihenos Quissonde, sahiam da terra, e d'ella fugiram os meus homens. A formiga Quissonde é uma das mais temiveis feras do continente Africano. Dizem os naturaes que ataca e mata o elephante, introduzindo-se-lhe na tromba e nos ouvidos. É inimigo que se não pôde combater, e atacando aos milhares, só se lhe pôde escapar na fuga. O Quissonde tem entre 6 e 8 milímetros de comprimento, cor castanho-clara muito luzidia.

As mandibulas d'este feroz hymenoptero, são fortissimas e de grandeza desproporcionada.

Da sua mordedura no homem sahe logo um jacto de sangue.

Os chefes conduzem as suas phalanges a

grandes distancias, e atacam todo animal que encontram no seu caminho.

Por mais de uma vez, durante a minha viagem, tive de fugir aos ataques d'este feroz insecto. Algumas vezes vi nos caminhos centenas d'ellas esfregadas aos pés, levantarem-se, e continuarem a sua marcha, primeiro lentamente depois com a sua celeridade ordinaria, tanta é a sua vitalidade.

Vem a proposito fallar aqui de outras formigas mais vulgares do que o Quissonde.

Uma é pequena, de tres milímetros a quatro de comprimento, negra e como o Quissonde armada de fortes mandibulas. Chamam-lhe os Bihenos Olunginge. É o maior inimigo das termites, contra as quaes dirige terriveis ataques, e que vence apesar da desproporção do seu tamanho.

Estas pequenas formigas são um verdadeiro beneficio, pela enorme destruição que causam nas larvas, nymphas e ovas das termites.

Em alguns pontos encontrei nas habitações das termites uma grande quantidade de formigas enormes, attingindo o comprimento de 20 milímetros, que vivem em communidade com os abundantes nevropteros da Africa Austral.

Estas formigas, supponho eu, que, pouco dadas ao trabalho de construir habitações, vão procurar nas construcções termiticas abrigo e morada.

Nenhum d'estes pequenos insectos ataca o homem além do Quissonde, que o ataca sempre, e ainda nas margens do rio Bembe fez dispersar os meus carregadores.

Tive pois de ir longe escolher outro sitio para acampar.

Voltaram da povoação do Bembe alguns homens que ali tinha enviado, com a triste nova de que o soveta dera ordem para nada me venderem.

A fome já se fazia sentir muito, caça não apparecia, e apenas tivemos n'esse dia um punhado de massango, que tanto coube a cada um de nós na divisão que fiz, do pouco que obtivemos na margem do rio Cuito.

Ali o paiz já era completamente desconhecido a todos, e nenhuma informação podiamos colher do gentio esquivo.

Reuni os meus pombeiros, e fiz-lhes vêr a grande necessidade de alargarmos a marcha no dia seguinte, até encontrarmos povoações mais hospitaleiras.

Elles convieram na imperiosa necessidade,

e apesar de muito carregada a comitiva, e enfraquecida pela falta de alimento, decidiram animar a sua gente para os fazer ir ávante. Havia dois dias que encontrava vestígios de ter sido outr'ora povoadissimo este paiz, pelas ruínas já antigas de muitas povoações que encontrei.

O que determinaria este abandono?

Seria a devastação pela escravatura? Seria a insalubridade do clima? Seria a falta de caça? Seria a má qualidade do terreno?

Não o pude saber; mas a primeira hypothese parece-me a mais admissivel.

O facto era, que essa falta de população inesperada nos creou o maior embarço, e eu n'essa noite soffri horriavelmente das torturas da fome. No dia immediato, tive logo de manhã o transtorno de um carregador doente, mas o meu doutor Chacaiombe houve-se com toda a bizzarria e offereceu-se para levar a carga.

Na occasião de partir, appareceram uns enviados do sovêta do Bembe, pedindo-me alguma cousa para elle; fiz-lhes vêr o mau procedimento do sovêta para commigo, e mandei-os pôr fóra do campo.

Segui ás 8 horas e 40 minutos. O rio Bembe, que tinha a vadear, tem 2 metros de largo por 1 de fundo e corre a S. O. para o Cuito.

A sua margem direita é montanha ingreme, mas a esquerda, depois de uma trincheira quasi vertical, de 10 metros, estende-se plana e paludosa, por 1 kilometro.

A marcha através do paúl levou uma hora, e fatigou muito a faminta caravana.

O terreno em seguida é levemente inclinado e coberto de uma vegetação arborescente difficil de transpôr. Depois de outra hora de fatigante caminhar comecei a descer uma encosta, a cujo sopê se desenrolava uma planicie, occulta por densa floresta. Desci uns 50 metros para alcançar a orla da matta, mas tive logo de alterar o meu rumo. A floresta era impassavel.

Aproveitei um difficil trilho de caça, que ora me levava a Leste, ora a Noroeste, e depois a Sueste, até que o terreno me faltou de repente.

Um sulco profundo de 100 metros, cavado pelas aguas de um ribeiro, tolhia-me a passagem. A difficuldade do caminho, o peso das cargas, e a fraqueza dos meus carregadores, obrigaram-me a acampar ali.

A fome já se fazia sentir em todos os seus horrores. Uma esperanza todavia me animava: eu tinha visto vestígios de caça.

Pouco depois de chegarmos, matou-se no

campo uma cobra, que me disse o meu doutor ser muito venenosa, mas haver contraveneno á sua mordedura. Tinha 1 metro de comprido, e era côr de telha no dorso, tendo o ventre um pouco mais claro. Os olhos eram verdes, muito brilhantes e a lingua bipartida.

A bocca era armada de quatro dentes dispostos como as presas de um cão. Ahi ficam os signaes d'ella para aquelles que pisarem um dia aquellas paragens.

Era preciso caçar, e eu, logo que fiz as minhas observações parti para um lado, e mandei em outras direcções os meus pretos Augusto e Miguel, os unicos que têm algumas manhas de caçadores na minha comitiva.

Encontrei perto do campo um grande rasto de bufalos e segui-o.

Não se faz ideia na Europa do que seja caçar para comer. É um prazer horriavel.

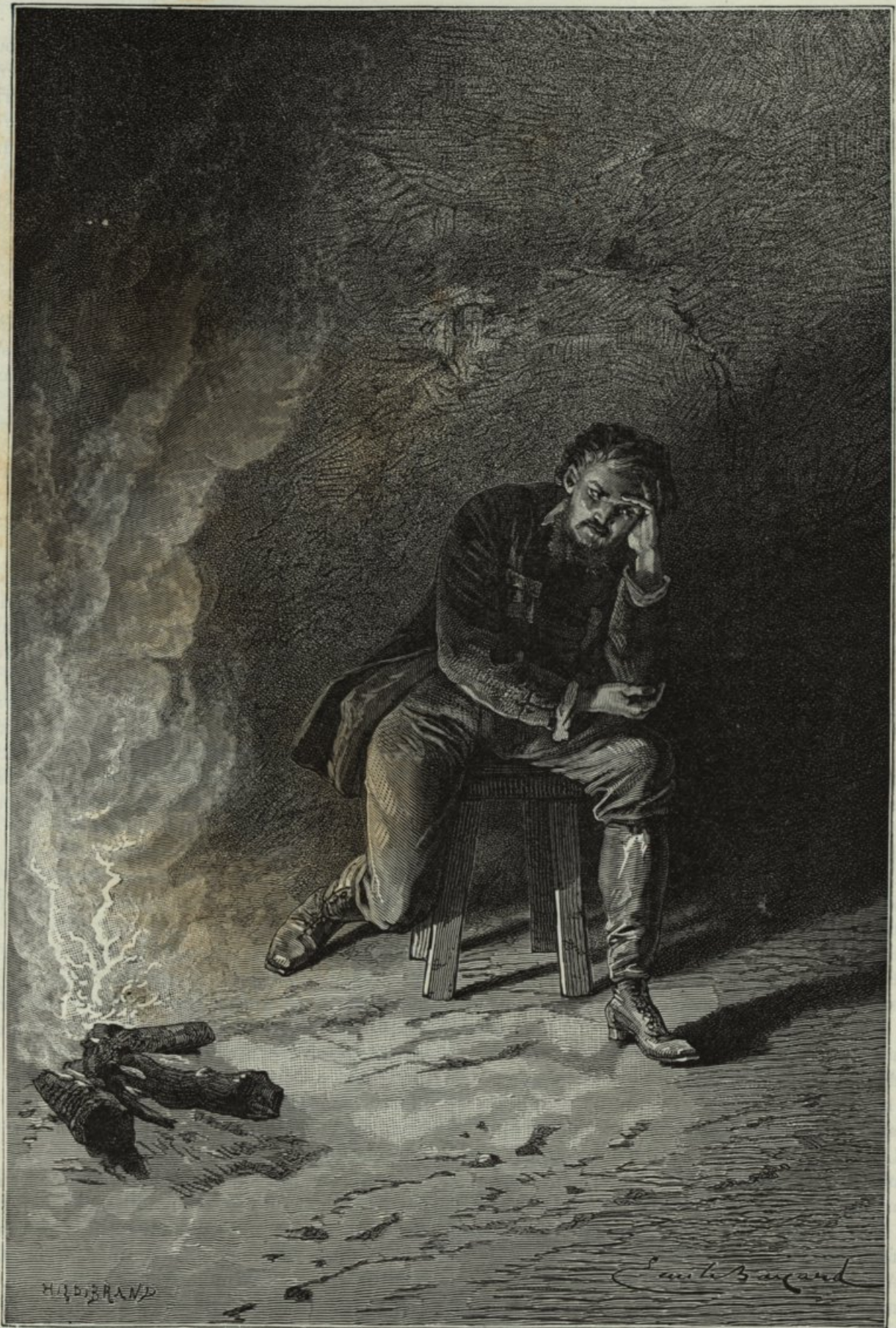
Deve ser assim o apontar á banca do jogador que precisa ganhar uma certa quantia para pagar uma divida de honra, e que mistura o febril prazer do jogo com a cruciante angustia da incerteza. Os olhos com que elle devora as cartas que lentamente vão escorregando por entre os dedos do banqueiro, os olhos que queriam penetrar através da carta opaca para antecipar o o desfecho da agonia da duvida, no fim da qual está a salvação ou a morte suicida, devem ter a mesma expressão dos olhos do caçador faminto, que prescruta a floresta em busca da caça que é para elle questão de vida ou morte.

Ha comtudo uma differença.

É que o caçador faminto pôde invocar em seu auxilio a Divindade, pôde balbuciar uma supplica a Deus.

Ao passo que o caçador por prazer segue descuidoso uma pista, cheio de felizes emoções ao avistar o gamo que procura; caminha desasombradamente, sabendo que no sitio ajustado, um cosinheiro prepara optimos manjares, que pára aqui e além para çontemplar uma flôr mimosa, uma paisagem agradavel. O caçador por necessidade só pensa na caça que, matando-a, lhe matara a fome.

Ao passo que um caminha curvado para chegar ao alcance do tiro, o outro deita-se de rastos, não sente os espinhos que lhe rasgam as carnes, e por umas palhas que faz tremer, treme tambem de dar um alarme, e caminha devagar, devagar, reduzindo a distancia para que o tiro não falhe, com o coração a palpar e com o estomago a bradar em contorsões pungentes.



DESEPERO — Desenho de E. Bayard, segundo o texto

Deve ser assim o caçar do tigre e do leão. O rasto que eu segui levou-me ao fundo do precipicio onde corre o pequeno correjo, e por muito tempo segui a sua margem direita, passando depois á esquerda, onde vi os bufalos, que caminhavam pastando na orla de uma densa floresta virgem.

Estavam a 500 metros de mim.

Começou então esse fatigante caminhar de

rojo, a carabina a tiracollo como que nadando n'um mar de palha curta. De quando em quando levantava a cabeça descoberta para espreitar a minha presa, e proseguia n'aquelle caminhar difficil cheio de commoções. Os bufalos pastando, ora caminhavam ora paravam, sempre na orla da matta. Se paravam que alegria, se andavam que desespero o meu!

(Continua.)

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 45)

AS MULHERES africanas tendo geralmente as mãos muito delicadas, são de espantosa destreza em arrancar a derme do filiolo d'esta palmeira que tiram com um unico movimento, dividindo em fios antes de pôr em obra as largas fitas que obteem por este processo.

As esteiras é uma das industrias mais nacionaes da Africa equatorial; a materia prima com que são feitas é tirada do *Pandanus* ou *Vagua* planta muita espalhada em todas as regiões tropicaes. Os africanos sabem variar os desenhos e os coloridos das suas esteiras e a arte da tecelagem tem feito muitos progressos. Estes desenhos, assim como os que fazem nas cubatas, são figuras planas sem sombras nem perspectiva.

A arte de fabricar o ferro é conhecida pelos Africanos desde tempos immemoriaes. O folle da forja na costa occidental e no Sudão consiste em duas pelles hermeticamente cosidas reunindo-se no tubo que activa a combustão.

Os emigrantes malaios e indos que vieram fixar-se em Madagascar, nas costas de Moçambique e do Zanzibar, no meio dos Africanos, modificaram o folle arabe; o ventilador malaio ou indo desde logo adoptado consiste em dois corpos de bomba que estabelecem uma corrente continua, fazendo alternativamente refluir o ar nos dois tubos, é talvez um progresso. Seja qual fôr o folle empregado o seu motor é invariavelmente uma creança ou um adulto que lhe imprime movimento com as duas mãos, estabelecendo assim a corrente d'ar destinada a activar a combustão do carvão que é sempre produzido pelas florestas proximas.

A arte plastica não tem progredido mais em

Africa do que o desenho; consiste na representação d'idolos, em grupos melhor ou peor definidos. M. Touhou colleccionou em Loanda muitos marfins esculpidos, alguns dos quaes não deixam de ter certa originalidade.

Um d'elles representa um par repetido duas vezes; as quatro figuras com as costas voltadas umas para as outras formam um grupo curioso em que os dois sexos são duas vezes reproduzidos. Consultando o pantheon africano vê-se que esta figura quadrupula é provavelmente o mytho de Havier e de Cassombé, prototypo de separação seixual; são tambem invocados nas enfermidades cutaneas tão communs em Africa.

Havier tem calças até aos tornozelos; a cabeça está coberta com um chapéu africano; o pau que tem na mão uma das figuras é inteiriço e na outra representa um parafuso.

Cassombé é representado d'uma maneira identica nas duas figuras; tem por unico vestuario um capuz na cabeça e na mão aperta um frasco. A cabeça relativamente ao corpo é exagerada; posto que as figuras estejam mutiladas vê-se que o nariz é achatado; a curva que liga a barba ao pescoço n'uma das figuras de Cassombé tem certa elegancia, em quanto que na outra a divindade curva disgraciosamente a cabeça; os labios são grossos e ambas as figuras têm a bocca aberta; o rosto tem um ar estúpido. Nas quatro figuras os olhos são bem fendidos, as arcadas supreciliares muito acentuadas, as orelhas salientes, o que dá a estas cabeças uma expressão bestial.

É provavel que este grupo represente o idolo chamado Itéque que desempenha um grande papel na vida religiosa dos negros d'Angola. Na

segunda escultura Havier está escarranchado nos hombros de Cassombé, que tem as duas mamas reunidas n'uma só.

Parece evidente, comparando estas esculturas africanas com os deuses do pantheon indo, que a escola d'escultura da costa de Malabar actuou sobre a arte africana. Comprei em Goa duas figuras que parecem ter sido trabalhadas pelo mesmo processo e além d'isso os dois paus e o barrete de Havier encontram-se nas diversas representações de Vichnu, reproduzidas no *Recueil des divinités indiennes* de Moore; o segundo grupo pôde ser uma reminiscencia de Garouda, nome turco de Vichnu.

A mais importante das esculturas em marfim em meu poder é um bocado de marfim em fôrma de dente d'elephante de cincoenta centímetros de comprimento, onde em dezaseis figuras está representada a escravatura. Os dezaseis altos relevos enrolam-se formando uma helice, cujo desenvolvimento attinge sessenta centímetros; um cordão com a largura d'um centimetro, no qual estão representadas serpentes, conchas, peixes, separa os grupos das figuras que têm uma altura variavel entre cinco e seis centímetros.

As primeiras tres figuras na parte inferior representam tres escravos atados pelo pescoço ao bambu que os reúne; o primeiro deve ter succumbido pelo canso; não sabendo sem duvida como exprimir esta prostração, o artista representou o corpo do morto em angulo recto com os seus companheiros, de fôrma que voltando-se o marfim a figura fica em pé e poder-se-hia julgal-a representando um ser vivo, se as costellas não estivessem muito acentuadas, indicando assim representar um cadaver. As duas figuras de vivos sobem com passo firme, arrastando após de si o seu companheiro; são precedidos por um porta-bandeira, nem mais nem menos que Stanley ou Livingstone, que leva uma bandeira, onde se vê uma cruz e duas pequenas esferas.

Os carregadores marcham adeante da bandeira; levam á cabeça, aos hombros, ou na mão, objectos para negociar: espingardas, barris de polvora, rolos de tecidos; o commandante da leva volta-se para a vigiar; a cobrir a cabeça leva uma mitra ponteguda, e prompto a reprimir qualquer revolta tem a mão no punho da espada.

Um pequeno idyllio amenisa a severidade do quadro. Não tenho a certeza de que a fabula de

Psyché e de Cupido tenha chegado até ao Congo, no caso de assim ter succedido este grupo é a sua representação. Cupido tem no carcaz a mão esquerda d'onde tira uma flecha para ferir Psyché, a quem segura pelo braço direito; Psyché querendo libertar-se leva a mão á cabeça. Este quadro podia também representar a felicidade domestica de que gosava a Africa antes que a escravatura ahi tivesse lançado as suas redes. Um velho arabe que leva um papagaio empoleirado na extremidade d'um pau, sobe com difficuldade a rampa que conduz á fortuna; a sua barba é comprida e leva a mão no sabre em signal d'ir precavido; o papagaio segura uma noz com uma das garras. Ainda n'isto se podem vêr vestigios d'invasão. As pennas do papagaio têm um grande papel na vida militar da Africa Central; servem para provocar desafios e ornar a cabeça dos guerreiros.

As nozes, segundo a sua côr, symbolisam a paz ou a guerra; as brancas são signaes de paz, as vermelhas equivalem a uma declaração de guerra.

Em seguida vê-se um quadro representando outro idyllio. Daphnis que tem um leque ao fundo da espinha dorsal levanta a mão direita; encontraria uma Galathea negra, ou disputará o premio do canto com Tityere? é o que eu não posso advinhar. Chloé protege-os; acaricia meigamente a cabeça de Tityere e sem duvida diz aos pastores: «Não se domorem;» com a mão direita indica o caminho que conduz ao vertice, onde deve estar o templo da Fortuna.

Chloé por unico vestuario tem um barrete identico ao que cobre a cabeça de todas as figuras; orna-lhe o pescoço um collar elegante. Como o precedente este quadro é provavelmente um protesto contra a invasão arabe que trouxe após de si a escravidão; o artista poz uma scena domestica em frente d'uma scena d'escravidão. O negreiro tendo-se arrancado do jardim d'Armida começa a fazer fortuna, pois traz uma tunica europêa; as feições são acentuadamente africanas; tem um guarda-chuva ao hombro e um cachimbo na bocca; tudo parece sorrir-lhe, as flores tapetam-lhe o caminho.

No quadro seguinte encontra-se novamente o arabe; o bigode cáe-lhe á moda chineza; já não leva burnal ás costas; tem na mão esquerda um instrumento que poderia ser o punhal tirado do cinto; a mão direita leva-a no bolso de um jaquetão europeu; diante d'elle está uma bilha em que pôde niatar a sêde: toca o termo

da viagem; mas também como Moisés não verá a terra promettida.

Esta gravura é evidentemente a obra de um africano bem legitimo; posto que a figura que termina o marfim tenha um boné escossez e um casaco, cujas abas se abrem por cima do cofre em que está sentada, é indubitavel que representa um filho de Cham; o queixo não tem barba, as narinas são achatadas, o labio inferior é muito grosso; a arrogancia e a vaidade do negro patenteiam-se no seu olhar obliquo; um brinco pende-lhe da orelha direita; uma cadeia, que lhe dá uma volta ao pescoço, cõe-lhe sobre o peito; é sem duvida alguma a ostentação do barbaro, do Africano enriquecido. Vestuario algum esconde a sua corpolencia; os tornozellos impedem que lhe caiam os anneis com que tem enfeitadas as pernas; os seus pés largos desenham-se achatados sobre o solo; está sentado sobre um cofre, onde se accumulou ouro, fructo da venda dos escravos arrancados ás suas familias, muitas vezes vendidos pelos proprios paes. Porque poria o esculptor a fechadura do cofre para o lado das costas da figura? seria para indicar que o fructo das rapinas se escaparia sem que o proprietario, o soubesse? É preciso convir que seria terminar este quadro de costumes por um picante rasgo de espirito e que entre os esculptores africanos ha philosophos humoristas que têm um certo valor.

As terras que se estendem desde a embocadura do Quanza até S. Philippe de Benguella são altas e d'aspecto arido; de espaços a espaços uma palmeira ergue a sua estatura elegante nas enseadas onde desagôam os rios, vegetam coqueiros á sombra dos quaes se avistam pirogas. O districto de Benguella muito extenso e accidentado é regado por um grande numero de rios que têm as nascentes nas montanhas do interior; é habitado por uma raça selvagem que tem conservado os usos dos seus antepassados; os europeus com difficuldade penetram n'estas regiões, onde os *pombeiros* são os intermediarios d'estes povos primitivos com os pontos occupados na costa pelos portuguezes.

Visitei Benguella, capital d'esta provincia a 27 de agosto de 1867.

A barra está aberta do noroeste para o sudoeste; os ventos do mar sopram ali em cheio; um morro elevado, coberto d'arvores, chamado Bonné de S. Philippe, serve de balisa quando se queira aportar. A cidade, situada na praia, está encostada a altas montanhas d'onde se despe-

nam torrentes que vem encharcar-se em baixo exhalando miasmas pestilentos. A população d'esta cidade é de cerca de quatro mil almas; ali vêem-se poucas casas á europêa; um hospital e duas egrejas são os unicos monumentos publicos; o rio Catumbela, situado ao norte, fornece a agua para a cidade, para aqui transportada em barcos.

Em Benguella encontrei um official de marinha ainda novo que pedira a demissão para se entregar ao commercio; disse-me que o clima se ia tornando mais saudavel á maneira que se caminhava para o interior; que n'aquella região se fazia um commercio remunerador em urse-lha, cêra, enxofre e oleo de palma.

A bahia dos Elephantes situada um pouco ao norte do cabo Santa Maria é um dos melhores ancoradouros d'esta costa. Os navios francezes e inglezes vão ordinariamente ali fazer exercicios; a pesca aqui é facil; magnificas ostras estão incrustadas nos rochedos que limitam a bahia e dão farto alimento ás tripulações; de noite os animaes ferozes vem rondar até junto das margens da bahia e têm-se grandes tentações de se lhe fazerem esperas.

Durante uma das minhas estadas n'esta bahia dei licença aos officiaes da *Zenobie* para irem á caça. Logo que anoiteceu a sua attenção foi dispertada pelos passos e gritos de diversos animaes, mas a escuridão da noite tornou esteril a caçada; limitaram-se a bivacar, mas, tendo augmentado em volta d'elles o numero d'animaes, foram obrigados a refugiar-se sobre um enorme rochedo cubico, excellente alvo para os tiros de peça. As pegadas mais numerosas que ahi encontrei foram de zebras e gazellas; os animaes carnivoros, taes como os leões e as hyenas, saltam muitas vezes sobre estes animaes inoffensivos e fazem d'elles presa; as suas pegadas vêem-se misturadas com as das gazellas; as zebras encontram-se mesmo de dia nos valles superiores d'estes outeiros.

Uma camada d'amphibolo deixa vêr-se através dos terrenos secundarios que formam a base d'este solo; cristalisou por cima do calcareo jurassico e fôrma elevações de mais de quatrocentos metros acima d'este estreito valle. N'esta localidade nem agua, nem habitantes; uma montanha abrupta, que é preciso subir por caminhos de cabra, separa-a d'Aquimina, possessão portugueza, onde se fazem algumas plantações de canna d'assucar e onde ha uma fabrica d'agua ardente; aqui ha nascentes de agua potavel. A

camada de agua está muito proxima do solo e é raro que escavando-se quatro metros se não encontre agua; os portuguezes usam baldes e noras para fazerem as suas regas.

Frequentemente os leões visitam os arredores d'Aquimina; a auctoridade portugueza tinha em pouco tempo morto ali tres; os seus esqueletos eram pequenos. Durante o dia refugiam-se nas cavernas das montanhas proximas. O desembarque n'esta bahia é facil para escaleres, mas não tem ancoradouro para navios de alto bordo. A costa continua a ser alta e abrupta desde o cabo de Santa-Maria até Mossamedes.

Brazileiros e portuguezes depois de terem tentado fortuna na America são os alimentadores do movimento de colonisação que ha trinta annos para cá tende a transformar esta parte da Africa n'uma região agricola; a canna d'assucar, o café, o algodão são as tres plantas mais cultivadas; o anil foi antigamente cultivado em grande escala e muito perto de S. Paulo de Loanda encontram-se ainda as ruinas d'uma fabrica de anil, cujas cisternas estão em excellente estado e poderiam hoje ser aproveitadas.

A bahia de Mossamedes, que eu visitei por duas vezés, offerece aos navios da maior tonelagem um excellente abrigo; a cidade estende-se por uma costa em fôrma de crescente com duas milhas de compartimento; seria facil construir o caes de desembarque que tanta falta ali faz; as casas são bonitas e fazem lembrar a Europa ao viajante cançado d'aridez africana; comtudo a illusão é pouco duradoura, pois que quasi tudo que ha em Mossamedes é exotico; o cavallo e a mula, o proprio burro apenas ali são conhecidos; os indigenas do cabo Negro criam numerosos rebanhos, onde os portuguezes largamente se podem abastecer; mettem ao jugo ou montam bois educados expressamente para esses serviços.

Nada pôde descrever o singular effeito que produz este pesado animal tendo sobre o dorso uma enorme sella, onde cavalga um individuo, que visto de frente, parece ir entre o parenthesis formado pelos cornos do boi.

Os brancos e as mulheres andam em machilas.

Os hespanhoes e os portuguezes, essencialmente pastores, têm uma grande habilidade para multiplicarem o gado e além d'isso a de reproduzirem as melhores especies de fructos: as laranjas do Brazil são celebres pela variedade, precocidade e abundancia. Os portuguezes leva-

ram para a Africa uma parte das riquezas vegetaes trazidas da India. São de extraordinaria habilidade no enxertar fazendo com exito aproximações apparentemente paradoxas. O milho é d'origem europêa. O Rev. Durand, hoje membro da Sociedade de Geographia de Paris, conhecido pelas suas viagens e pelas suas publicações a respeito do Brazil affirmou-me que tinha adquirido a certeza de ter a corôa de Portugal exportado para a Africa milhões d'Indios do Brazil. Não encontro vestigios d'estas emigrações, mas será interessante o estudo d'esta contracorrente americana.

Os cafês d'Angola têm adquirido uma verdadeira importancia; os de Cassengo vendem-se a vinte um mil seiscentos réis cada cem kilogrammas; têm um perfume particular que lhes permite lutar com os do mar Vermelho e com os do Rio Nunez de que se aproximam muito; os cafês americanos estão longe de lhes serem eguaes.

XXXIV

As columnas commemorativas—A colonia do Cabo—O mar do Cabo—O navio phantasma—Decadencia das sociedades—O futuro.

Era uso no decimo quinto seculo tomar posse das terras descobertas em nome da corôa a que pertencia a força naval empregada n'esses reconhecimentos, os portuguezes abusaram talvez d'esse uso; assignalavam a prioridade verdadeira, ou falsa, da sua navegação, collocando sobre pontos bem visiveis columnas de marmore, *padrões*, com inscrições em portuguez, em latim e em arabe. As mais interessantes d'estas columnas commemorativas são as que balizam a costa da Africa meridional; marcam os progressos feitos no reconhecimento do caminho da India para este. Diogo Cão collocou a primeira columna sobre a margem esquerda do Zaire. Esta ponta conservou o nome de cabo Padrão.

Na ilha de Santa Maria, situada no 23°40' de latitude sul, á entrada da bahia dos Elephantes, collocou-se a segunda balisa; a terceira foi posta no 25°40' de latitude sul, a algumas milhas ao norte do porto Alexandre no cabo Negro.

Em 1836, o almirante Cecile viu essa columna; o fuste cylindrico tinha d'altura oito pés por oito ou dez pollegadas de diametro e era terminado por um parallelogrammo de dezaseis pollegadas de largo por dezoito d'altura; foilhe impossivel ler a inscrição, tanto as letras estavam comidas pelo tempo.

A costa que se prolonga desde Mossamedes até ao cabo da Boa-Esperança é sem interesse. No tempo em que ali havia baleias, as bahias d'esta costa serviam-lhe de refugio; agora pôde dizer-se que a baleia n'estes mares se tornou um mytho.

O guano d'Ichaboë occupou por um momento a navegação europêa; mas o que é uma ilhota como Ichaboë? Bem depressa foi rapada até á rocha apezar dos recifes que a cercam.

Algumas bahias, taes como Santa Helena e Saldanha, abrem-se entre o cabo Voltas e a bahia da Meza, onde foi fundada a cidade do Cabo, que eu visitei em novembro de 1858 indo a bordô da *Cordelliere*. Então tinha vinte e cinco mil almas, hoje tem trinta mil.

Os campos proximos nada têm d'agradaveis; o solo é arento e coberto de mato; o commercio exporta vinho e lã; o vinho é de Constança, localidade proxima da cidade, a lã vem do inte-



PORTO DE LIBREVILLE NO GABÃO — Desenho de Th. Weber, segundo uma photographia

rior. Os vinhedos do Cabo foram plantados por Francezes que alli procuraram um refugio por occasião do edito de Nantes.

Vê-se com prazer o carvalho da Europa desenvolver-se n'esta terra africana, onde o eucalipto tende a multiplicar-se; esperemos que transformarão o clima da colonia fixando-lhe as chuvas; diz-se que a mudança operada já por estas plantações é muito sensivel. As chuvas no Cabo cahem de novembro até março; a epocha de mais calor é de janeiro até fevereiro; as brisas

do mar refrescam um pouco a temperatura que chega a attingir trinta e sete graus.

O promontorio, extremo limite da Africa, divide-se em dois grupos montanhosos. Visto do oeste o seu isolamento é completo, parece ter-se deante dos olhos uma ilha. O mais notavel d'estes cerros tem uma altura de mil metros. A sua fôrma chata no vertice valeu-lhe o nome de *meza*; as rochas de que é formada terminam á beira mar escarpadamente.

A differença que existe entre a temperatura

dos ventos do largo e a d'esta montanha produz um phenomeno a que os inglezes chamam *toalha da meza* e a que nós chamamos *cabelleira*. Os vapores flocosos que se formam envolvem o vertice da montanha, dando ideia de qualquer das duas denominações. Descendo até ao sopé da montanha esta massa de vapores desaparece como por encanto, pois que se encontra n'um meio que lhe favorece a evaporação.

A abertura do isthmo de Suez reduziu o numero de navios que tocavam no Cabo. Os ventos do noroeste, que são frequentes a partir de 15 de maio, batem a costa. Antigamente os navios refugiavam-se em Fahe-Bony. O dique, recentemente construido, permite que os navios frequentadores da bahia possam affrontar as celebres tempestades do Cabo.

A tendencia do governo inglez é de reunir n'um só grupo os differentes Estados europeus que se constituíram na Africa meridional, de modo a formar um dominio analogo ao do Canadá.

Os Hollandezes ou Boers, que para conservar os seus escravos se retiraram para o interior haverá trinta e cinco annos e ahi fundaram o Estado livre d'Orange e a republica do Transvaal, têm sido convidados a pôr de parte os seus ressentimentos e a entrar n'este accordo. É natural que os dissidentes, assim como no Natal, acabem por ceder ás vantagens d'uma tal combinação, que lhes dará os portos de sahida de que precisam e garantirá ás suas povoações uma segurança superior á que gosam. Os Cafres já estão annexados e administrados pelas auctoridades inglezas. A republica do Transvaal acaba de fazer um tratado de transito com Portugal para poder levar os seus productos á bahia de Lourenço Marques. As minas de diamantes occasionaram um movimento de emigração favoravel á agricultura do Cabo, para onde se voltam todos aquelles que têm sido illudidos nas suas esperanças ambiciosas.

Termino aqui a narrativa das minhas excursões feitas nas costas africanas; mas antes de deixar o leitor julgo não ser inutil dar-lhe uma ideia da vida que se passa no mar.

O cuidado no navio, uma disciplina inflexivel, os exercicios militares, a necessidade de a cada momento marcar a posição geographica do navio, occupam a vida do marinheiro e dá-lhe qualquer coisa de monacal, cuja influencia se exerce mesmo nos navios mercantes.

Esta vida claustral seria impossivel se a ima-

ginação a não animasse. Durante a sua demora nos portos, o marinheiro vê, á luz que se reflecte nas aguas, succeder a noite: as costas vão desapparecendo, passando por gradações suaves de luz que fazem gosar a vista de todos os tons queridos dos pintores. Quando cahiu a noite, o horisonte encobre-se ao navio, que em vão para elle corre; a abobada celeste resplandece; as constellações erguem-se no levante para vir extinguir as suas scintillações no poente; a linha que separa o céu da terra é tão indecisa, que o navio parece mover-se sob uma vasta abobada de que elle é o centro.

O isolamento dos navios crusadores é favoravel á meditação: o silencio das noites, os longos quartos convidam ao exame de todas as theses. Os theoremas das altas mathematicas, as concepções mais difficeis de philosophia encontram os espiritos bem dispostos para o exame das suas diversas faces. Por outro lado o jogo, a musica, o desenho, a leitura vem tambem quebrar a monotonia que poderia sobrevir da junção de commensaes que muitas vezes têm de dividir entre si o estrictamente necessario á sua alimentação.

As entradas nos portos prestam um novo elemento ás investigações do marinheiro. Os salões, onde se reúne a *elite* das sociedades estrangeiras, abrem-se á mocidade que ahi patenteia a elegancia propria da nossa raça. Emquanto que o diplomata estuda o equilibrio dos imperios, os colleccionadores fazem pesquisas, os hervarios completam-se, a draga arranca das profundidades do mar as conchas ainda não conhecidas, que irão fazer a alegria dos conchyliologistas.

Os albuns completam-se, a anthropologia tambem não é esquecida: a familia presenceará as scenas passadas longe d'ellas e participará das aventuras do marinheiro.

O furacão vem algumas vezes perturbar a vida monotona do marinheiro; as tempestades do Cabo são as mais celebres.

Quando o furacão se desencadeia, as vagas tornam-se repentinamente enormes e os seus vertices elevam-se cem pés acima dos valles profundos abertos por estas montanhas liquidas; semelhante a uma charrua o navio cava um sulco no meio d'este oceano revolvido.

Espectaculo grandioso é o que offerece um navio sobre o mar, a enorme vaga erguida pela tempestade salta por cima das suas vergas e parece devel-o sepultar n'esse oceano furioso; a força do plano inclinado e da vertical levanta-o

de novo no cimo d'uma vaga, d'onde a vista do intrepido marinheiro descobre um horisonte medonho, imagem do cahos. Se esse navio cruseiro encontra um navio, parece vel-o envolvido n'um lençol branco como a alvura d'uma mortalha. Mas, como Paris, *fluctuat sed non mergitur*, e avista-se com um aperto de coração esse desconhecido, ao qual nos interessamos como a um amigo, reaparecer novamente sobre o dorso d'uma vaga espumante.

N'estas luctas contra os elementos o homem só tem por espectadores a procellaria e o albatrós, os gigantes das aves maritimas; são elles os unicos que affrontam os elementos desencadeados; emquanto que o homem tira forças para esta lucta do seu talento, estas aves tiram-as da potencia do seu vôo; quando acossado pelo vento, o navio faz vinte e sete kilometros por hora em arvore secca, as aves pairam magestosamente por sobre as pontas dos mastros, que têm oscillações de trinta e cinco graus e descrevem um arco de setenta graus com uma velocidade vertiginosa.

As procellarias e os albatrós, que seguem os navios, são guiados pela gulodice; espreitam as migalhas que cahem do navio em que vêem a presa que o oceano furioso lhes nega.

Estas aves têm no marinheiro um adversario sempre prompto a armar-lhe laços; uns lançam ao ar laços feitos com cordão de seda em que aquellas arvores prendem as azas; outros atiram-lhes linhas com anzol na ponta bem iscados; quando o anzol prende na cartilagem d'um bico começa a lucta; o marinheiro, habil pescador, dá-lhe linha; não poderia resistir aos esforços d'umas azas, tendo de ponta a ponta quinze pés; a ave cede á dôr, pouco a pouco vae-se approximando da popa do navio; a lucta torna-se impossivel, a agua penetra pelo largo bico que ella já não pôde fechar, os seus ultimos esforços em breve se annullam, levanta-se ainda e procura no ar a resistencia que a agua não lhe offerece. Semelhante a um papagaio de rapazes dá cabeçadas; mas, desde que abandonou o meio resistente, tornou-se uma preza certa; é lançada sobre o tombadilho; a ave do largo vôo não pôde escapar-se d'este pavimento movediço; enjôa como um recém-embarcado; desperta a gargalhada dos marinheiros que se vingam das bicadas que estas aves lhes dão na cabeça quando algum cahe ao mar. A sua morte está decidida; todos querem os despojos do valente palmipede: as patas são esfolladas para fazer bolsas de ta-

baco, as clavículas servem para tubos de cachimbo.

Outra ainda é a acção que exerce a vista do mar sobre a imaginação exaltada do poeta e sobre a dos marinheiros; emquanto que Camões cria nos Luziadas e personifica as tempestades austraes na esplendida figura do gigante Adamastor o marinheiro hollandez cria o seu *Navio Fantasma*, apparição sobrenatural, que vem perturbar os seus ultimos instantes no momento da tempestade e recordar-lhe que a vida de miseria do marinheiro é seguida d'uma outra, onde os bons e os maus encontram premio e castigo; o *Fantom Ship* ou *Voltigeur Hollandais* é o Satanaz dos mares, o grande precito, a sombra do blasfemador; a sua presença é fatal para o navio que avista este espectro sinistro, cujo apparelho centenario cae aos pedaços. Todavia esta apparição pode ser conjurada; é o calafate o que d'isso se encarrega; faz cruces, prega pregos em certos sitios a fim de neutralisar os effluvios do maldito; os marinheiros, aterrados com esta sinistra visão, recitam as orações dos moribundos ou fazem promessas segundo a religião que lhes ensinaram. É provavel que este phenomeno, presenciado por numerosas testemunhas, seja devido a um effeito de optica analogo ao da miragem.

O duende dos nossos lares tambem vive no navio e chama-se Gobelin; como Trilby contenta-se rindo, quando escondeu o bonné d'um marinheiro.

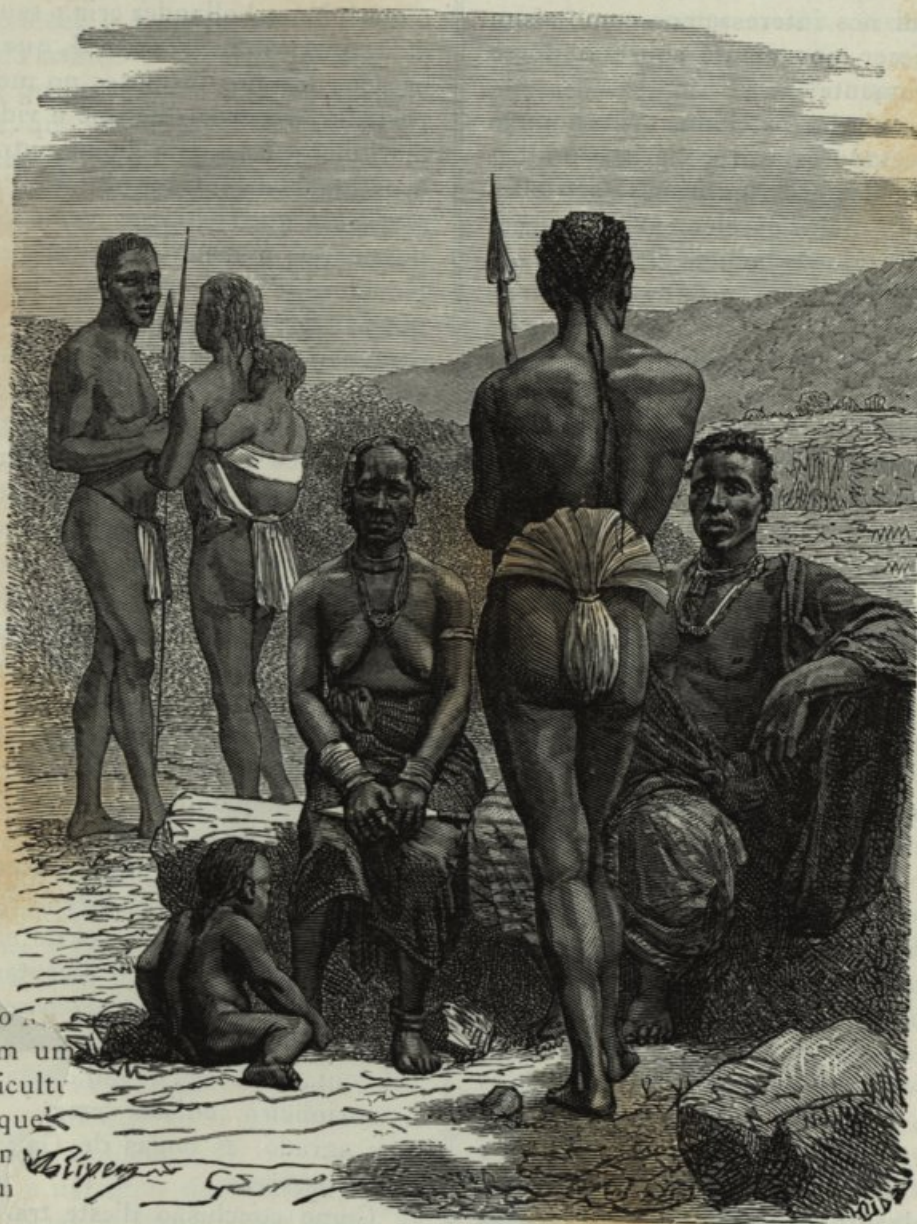
As ideias do marinheiro francez não são baidas d'essa sombria predestinação tão mente arreigada nas raças do norte.

Desde que existe o recrutamento nas arias d'operas e as cançonetas, as vigias do marinheiro; vel conta e reconta os mil o marinheiro, edição sem com agrado, as bodas de reis e pastoras.

Como conclusão d'este traço, hoje vemos de que, a sociedade africana em Europa ha tres seculos tem transito os grandes imperios que entre a Africa no decimo quarto e decimo seculo, foram substituidos por Estados governados por soberanos ephemeros, mas tendo-se conservado fieis aos seus costumes barbaros; os outros acceitaram o islamismo, fé que elles propagaram por meio da espada; em toda a parte a vida humana em pouco é tida; as

relações com estrangeiros são difíceis e perigosas, principalmente depois que o antagonismo religioso veio accrescer ao das raças. Comtudo no meio d'esta barbaria veem-se alguns esforços para reconstruir a sociedade africana, mas é

evidente que a formula ainda não foi encontrada. Podemos ver com satisfação que, depois d'abolição da escravatura, os homens que seriam exportados se dedicaram á cultura do solo, e que nos ultimos vinte annos o commercio da Africa



GUERREIROS E MULHERES FANS — Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia

hi
ções
Cafre
auctor.
acaba e
tugal para pe
hia de Lourenço
tes ocasionaram um
favoravel á agricultu
voltam todos aque
nas suas esperan
Termino aqui
sões feitas nas
deixar o leitor
ideia da vid

O cui
vel, e Europa tem decuplicado. Na verdade a
natureza foi prodiga com a Africa e o commer
cio não pôde deixar de ali se desenvolver. É pre
ciso convencer-mos-nos que ainda durante muito
tempo a Africa deve ser tratada como menor. A
Algeria d'um lado, a colonia do Cabo do outro
acabarão por estender o seu dominio sobre as

vastas regiões que deante d'ellas se abrem. A
França e a Inglaterra não devem esquecer que
é essa a sua missão civilisadora.

FLEURIOT DE LANGLE.

FIM

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Conclusão)

AS FÓRMULAS imprecatorias VII a XI enumeram doenças, que durante a Edade media formavam o objecto da medicina popular, que tinha uma parte obrigada em Orações rithmicas. A fórmula XII allude à *sorte má*; é o *mão fado* da crença portugueza, a que ninguem pôde fugir, e a palavra *sortilegio* ainda tem o sentido malevolo da sorte que se lança contra uma pessoa.

A fórmula XIV servia para defender o homem nos actos da vida, quando se deita, quando se levanta, quando dorme, quando come. Na tradição popular abundam as Orações rithmicas para acompanharem todos estes actos.

Na fórmula XVIII ensina um rito para esconjurar o *phantasma*, o *vampiro*, o *espectro* e os *philtros* ou *amavios*; estas variedades ainda persistem na credulidade portugueza. As fórmulas magicas da Chaldêa traduzidas para linguagem assyrica terminam sempre com a palavra *amanu*, que entre os povos catholicos se conservam nas Orações vulgares no *amen*. Os fragmentos que citamos acima, achavam-se mais desenvolvidos em uns tijolos achados por Layard na salla da bibliotheca do palacio de Kojundjik e publicados por Smith e Rawlinson; é um grande tratado de magia da Chaldêa. Citaremos apenas as superstições que persistem ainda em Portugal: *A noite de mão agouro*; *o dia aziago*; *os mensageiros* ou *semeadores da peste*; *o raio*. Na tradição popular conserva-se o ditado: ¹

— Oh noite má
Para quem te aparelhas?

A terceira feira é ainda considerada como *dia aziago*; em uns versos de Luiz Azevedo á morte do infante Dom Pedro, em Alfarrobeira, diz: «N'esse triste dia *martes*» referindo-se á relação entre o desastre e o dia aziago. N'esta mesma fórmula magica vem o numero *sete* com poder magico. É tambem este ainda o numero fatidico em Portugal: «*Sete annos e um dia*— andou na volta do mar,» como se diz no romance da Não Catherineta. *Sete* Condes caminhavam— a verem o enforcado, como se diz no Romance de Dom Garfos. *Sete* fadas me fada-

ram, como se vê no romance da Infantina. *Sete* livrinhos a resar, *Sete* candeinhas a allumiar, como se lê na oração do Padre nosso pequenino! Pode-se inferir que o poder magico do numero *sete* provinha dos sete demonios subterraneos da Chaldêa, os *Maskim*, cujo character fatidico ainda se exprime pela palavra *mesquinho*, commum a todas as linguas romanicas.

É um phenomeno importantissimo o character dramatico das Orações populares portuguezas como a de S. Bartholomeu, a de Santa Apollonia, e outras. Diz Lenormant, na obra tantas vezes citada: «Algumas vezes tambem a fórmula de exorcismo amplia-se e toma um *character dramatico*.» ¹

As superstições têm tambem a sua poesia lyrica, como se pôde vêr pelas *Orações*, *Esconjuros* e *Ensalmos* de quebranto, que a Igreja condemnou, chegando até a queimar em Portugal alguns desgraçados. O facto natural do medo supersticioso é um estimulo do canto, como já o notara Roberts com relação aos hindus: «imaginam que um demonio os persegue, e com o fim de vencer o medo, põe-se a cantar, a fallar em voz alta; etc.» As canções da rua têm em parte este estimulo, sobretudo durante a noite e quando o que canta vae sósinho.

Um dos maiores poderes magicos nos cultos da Chaldêa é o do nome secreto do deus; elle domina todos os males, afasta todos os terrores. Entre os povos semitas propagou-se esta crença, é o *Schem*, a propriedade divina immanente no proprio nome, que se conserva secreto ou não pronunciado, como o de Jehovah. Diz Lenormant: «Todos sabem que desenvolvimento a crença no nome todo poderoso e occulto do deus teve entre os judeus tamulistas e cabalistas, e quanto é geral entre os arabes. Nós hoje vemos de uma maneira positiva, que essa crença veiu da Chaldêa.» ² Em um povo em que preponderar a influencia e a cultura arabe, e em quem o elemento maurisco provocou a revivescencia do typo iberico primitivo, comprehende-se a conservação da crença na virtude dos nomes. O dizer *Santa Barbara!* *Sam Jeronymo!* livra dos perigos das trovoadas. Quando alguem se en-

¹ Ap. Lenormant, *ibid.*, p. 17.

¹ *La Magie*, p. 18.

² *La Magie*, p. 41.

gasga, grita-se-lhe ao pé *Sam-Braz!* Quando se vê desfilar um meteoro, diz-se *Senhora da Guia!* e quando se tem um susto, uma agonia, grita-se por *Jesus!* A *nómina* provém da crença na virtude do nome que se traz conosco em uma bolsinha.

Citaremos alguns factos sobre a crença do poder do *nome*, em Portugal; nas Constituições synodaes de Lamego, (liv. v, tit. 8,) se lê: «E finalmente, se pôde pôr exemplo na missa que se manda dizer com certo numero de candêas; e que não haja de ter mais ou menos; ou que hade ser dita por *clerigo que se chame João*, ou de outro certo nome.» (1639.) O nome de *Bento* deve ser posto á criança que pelo facto do nascimento pode ser lobishomem. Para que as sementeiras sejam fecundas, deve lançal-as á terra uma moça chamada *Maria*. Devem-se chamar *João* e *Maria* as crianças que seguirem a que passa pela fenda do carvalho cerquinho para se curar da hernia.

A *nómina* é a parte dos talismans a que os Accádios chamavam *sagba*, e os assyrios *mamit*. O marco tinha um character talismânico, como se conservou nas *perafitas*, e nas *picotas*; as fitas, onde se escreviam certas fórmulas accadicadas, são ainda as *medidas* do braço do Senhor de Mathosinhos e outras; os *bentinhos*, que se trazem ao pescoço, pedras de ára, para as mulheres grávidas, para os que atravessam o mar; os chavelhos contra o máo olhado, a meia lua, a figa, o signo-saimão, o corno de veado, são os principaes talismans do nosso povo, alguns com character accadico, como os chavelhos allusivos ao touro Nirgal.

Alguns talismans são secretos, e pertencem áquelles que sabem usar os poderes magicos; taes são o *espelho* em que se observa o futuro e a *vara* divinatória. Lenormant attribue o uso primitivo da vara magica ao tempo dos Accádios, passando para a Persia por influencia do magismo, sendo o *bareçma* uma insignia essencial do culto mazdeano. Importa notar, que conjuntamente com a espontaneidade das tradições populares, nunca se perdeu a transmissão erudita da feiticaria, chegando estas duas correntes a fecundarem-se mutuamente pelas relações dos curandeiros com o povo.

As Fórmulas de Marcello, embora em parte derivadas de elementos populares, devem considerar-se como conservadas por uma tradição erudita, por isso que encerram mysterios theurgicos, que no seculo iv só podiam ser conheci-

dos pela eschola *chaldaica* renovada entre os homens cultos pela metaphysica neo-platonica. É por esta via que os restos da theologia chaldeo-assyrica apparecem no Occidente, sem que aquelles mesmos que os repetiam tivessem consciencia da sua origem. Lenormant, nas *Origens da Historia*, diz que «esta theurgia chaldaica, se continuou na Edade Media em estado de seita secreta e magica, e dera nascença a uma numerosa litteratura apocrypha, da leitura da qual, no seculo xi, Miguel Pseullas se mostra particularmente penetrado. Os adeptos do Chaldaismo de então não sabiam quasi nada da religião dos antigos Chaldeus; elles ficariam bem maravilhados e mais embaraçados se se lhes revelassem os nomes verdadeiros dos personagens do seu pantheon. Mas através das alterações profundas, de uma mistura de elementos tirados do neo-platonismo, ou de todas as mãos, a tradição transmittida de gerações em gerações fez-lhe chegar ali umas certas noções essenciaes, que tinham certamente tido o seu ponto de partida nos sanctuarios de Babylonia e da Chaldêa.» (Op. cit. p. 527.)

Compreende-se diante d'estes factos o valor das tradições vetustissimas da magia peninsular contidas no processo de Luiz de la Penha, herdeiro dos livros magicos de seu pae, e sabedor de muitas fórmulas escriptas; a conservação dos nomes de Deuses e Genios malignos, como *Marta a dina* e *a não dina*, *Marula* e *Trebuca*, *Montenegro*, não deve attribuir-se a um mero acaso, mas a um respeito obrigado, que constitue a essencia e a força de toda a magia. Serão ousadas as nossas conclusões e o processo critico da coordenação systematica das supertições, mas obedecemos a uma necessidade do nosso espirito. Luiz de la Penha mostra-se no tribunal da Inquisição com uma certa segurança de quem está convencido do valor das suas Fórmulas; isto provinha do conhecimento da sua antiguidade. ¹ No Alvará de 15 de Outubro de 1654, o rei de Portugal, obedecendo á importancia que a tradição chaldaica ainda tinha no espirito, concedeu a um soldado o *curar com palavras*, libertando-o assim da alçada inquisitorial. Aqui se encontravam as duas correntes tradicionaes, no meado do seculo xvii, renovando a sua vitalidade n'essa classe dos *Saudadores*.

¹ A Magia, hereditaria em algumas familias dos povos selvagens (Alfred Maury, *Magie*, p. 21) apresenta tambem este character em Luiz de la Penha.

Os Curandeiros eram denominados em Portugal *Saudadores*, como vimos pelo citado titulo da Ordenação Manuelina; são as *personas de virtude*, como ainda hoje se lhes chama. Covarubias, no *Tesoro de la lengua castellana*, define este termo: «Saludar vale curar cō gracia gratis data, y a los que esta tienen llamamos *Saludadores*, y particularmente saludan al ganado, pero yo por cierto tengo averse dicho de saliva, salivador, por tener en ella la virtud de sanar, y assi los saludadores dan unos bocaditos de pan al ganado cortados por su boca y mojados en su saliva.» Rodrigues Marin, nos *Cantos populares españoles*, (t. II, p. 413) commentando uma cantiga asturiana que diz:

Hay una niña con rabia;
Quien fuera saludador,

Transcreve uma descripção do Dr. Gaspar Navarro, do seu livro *Tribunal de Superstion ladina*, de 1631, importante: «Estos Saludadores, principalmente se emplean en curar ó preservar á los hombres, bestias y ganados del mal de rabia... y para encubrir la maldad, fingem ellos son familiares de santa Cathalina, ó de Santa Quiteria, y que estas Santas les han dado virtude para sanar de la rabia, y para hacerlo creer á la simple gente hânse hecho imprimir en alguna parte de su cuerpo la rueda de Santa Cathalina, ó la señal de Santa Quiteria: y assi con esta fingida santidad, traen á la simple gente enganada tras si, y *saludan* con su saliva y aliento, no solo á los enfermos, mas tambien á los sanos; y saludan el pan, y lo mandan guardar por reliquias...» (Disp. xxxi, fl. 89—90.) Como se vê, no Saudador persiste o costume de curar *bafejando*, ou por meio de *saliva*, como já notamos nos costumes dos selvagens e ainda nos habitos infantis, o que prova a sua alta antiguidade. O Saudador tambem cura com palavras; as Orações populares a Santa Catharina, a Santa Marta, ainda se conservam e se repetem, umas contra a azia, os aftos, a erisipela, os cobros,

as dores de dentes etc. Os Saudadores trazem comsigo uma cabeça de Christo; a este costume se referem Cepeda y Guzman, e Quevedo, o que nos faz comprehender o sentido da Ordenação manuelina.

No estudo das Superstições populares portuguezas evitámos o simples processo da compilação, porque não deixa comprehender a importancia d'este phenomeno de ethnologia; começámos por um systema de coordenação, que não podia ser outro senão:

1.º Determinar as condições psychologicas da persistencia das superstições nas classes inferiores, como estabeleceu Hume; d'aqui o confronto de certos usos e superstições selvagens com os que ainda apparecem nas civilizações superiores.—A esta ordem de observações pertence a influencia do meio social, quando n'elle se operam grandes desastres, ou as catastrophes da natureza produzem impressões maravilhosas.

2.º Restabelecer por meio de grupos de superstições dados systemas de Religiões extinctas, e peculiares de outras raças substituidas na civilização da Europa; assim restabelecemos:

a) Cultos chthonianos ou de hetairismo primitivo.

b) Cultos magicos do naturalismo accadico ou turaniano, (aquitânico e iberico.)

c) Cultos e concepções mythicas proto-áricas e indo-europêas.

3.º Estabelecer as duas divisões fundamentais das Superstições, derivadas das duas fontes chaldaica (ou propiciatoria) e egypcia (ou medicinal) pela influencia dos Gregos, Romanos e Arabes, na Civilização da Europa. É esta a base mais geral de uma boa classificação historica, e o meio de fixar o methodo scientifico d'esta ordem de estudos tão importantes para o complemento da Hierologia, como para a emancipação moral das classes mais atrasadas da sociedade.

THEOPHILO BRAGA.



As de los de donde... (faint text)

No estado das Superiores populares... (faint text)

1. Determinar se conviene... (faint text)

2. Reducir por medio de grupos... (faint text)

3. Dar a conocer... (faint text)

4. Dar a conocer... (faint text)

Las de donde... (faint text)

5. Dar a conocer... (faint text)

6. Dar a conocer... (faint text)

7. Dar a conocer... (faint text)

8. Dar a conocer... (faint text)

9. Dar a conocer... (faint text)

10. Dar a conocer... (faint text)

INDICE DO TEXTO



	PAG.		PAG.
COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA, pelo major Serpa Pinto. 21, 37, 53, 75, 85, 101, 119, 133, 149, 165, 181, 199, 217, 229, 261, 277, 293, 309, 325, 341, 357, 373	5	SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL, pelo dr. Theophilo Braga	41
A RUSSIA LIVRE, por William Dixon (continuação do n.º 24, 1.º anno)	10	57, 72, 91, 106, 124, 139, 154, 170, 185, 210, 226, 242, 290, 321, 338, 369	385
60, 80, 108, 127, 269, 282	298	OS DOZE D'INGLATERRA, estudo critico-historico por	66
CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA, pelo vice-almirante Fleuriot de Langle (continuação do n.º 24, 1.º anno)	15	CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM, por Augusto Fuschini	70
26, 44, 93, 142, 157, 172, 189, 205, 222, 237, 273, 288, 305, 219, 330, 353, 361	377	A ESTATUA EQUESTRE DO TERREIRO DO PAÇO.	117
A QUESTÃO DO TRANSWAAL, por Augusto de Castilho, (continuação do n.º 24, 1.º anno)	18	MEMORIAS DO ULTRAMAR, por Luciano Cordeiro	146
33	50	162, 178	194
VIAGENS D'ANTONIO TENREIRO, transcrição por Fausto Scipião	31	O CASTELLO DOS TEMPLARIOS, por Z. Consiglieri Pedroso	198
98, 114	131	CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA NA EGREJA DE S. ROQUE, por I. de Vilhena Barboza	214
		VIAGEM A NOVA GUINÉ, por Achille Raffray.	232
		265, 284, 302, 313, 333, 349	366



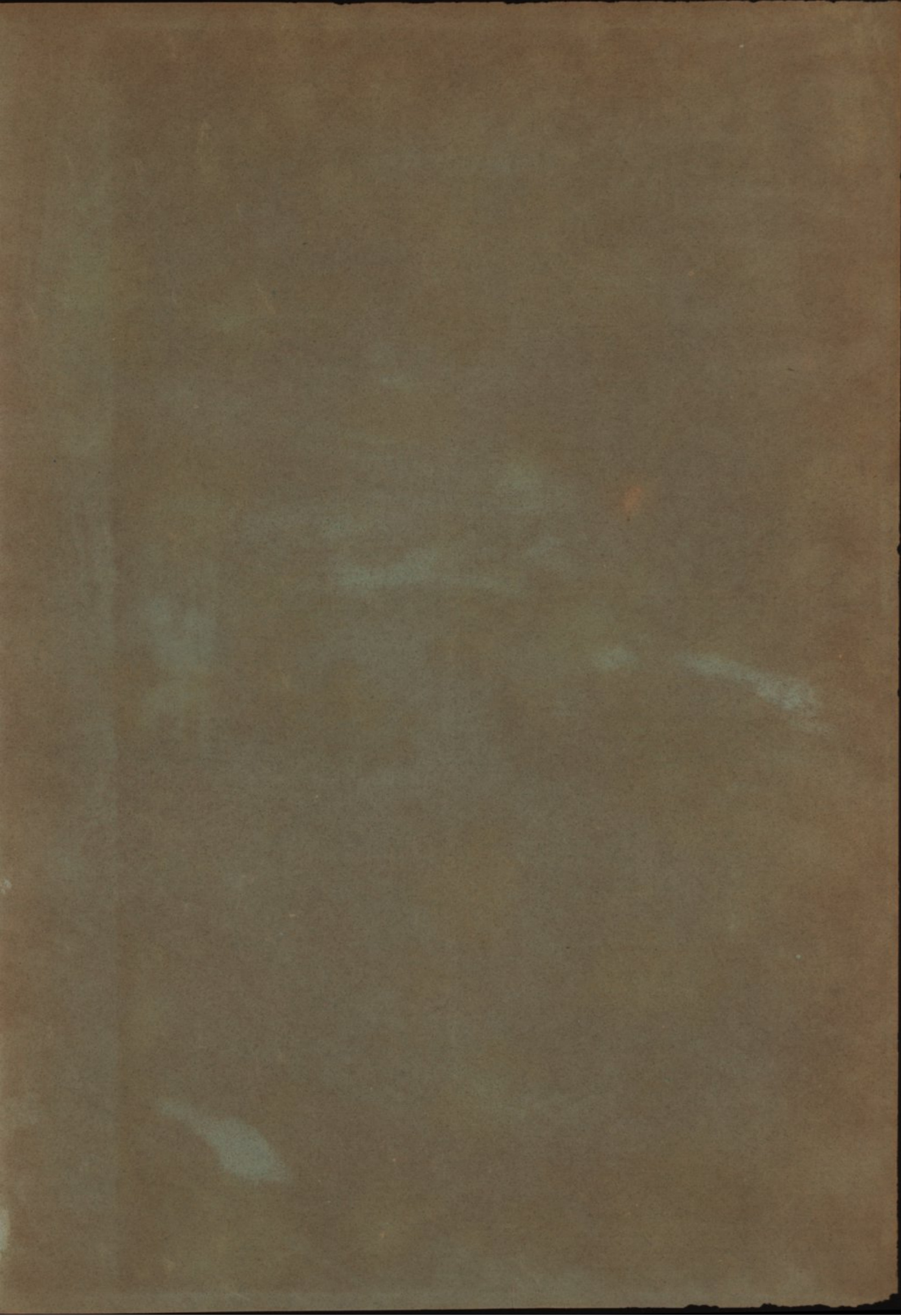
INDICE DAS GRAVURAS

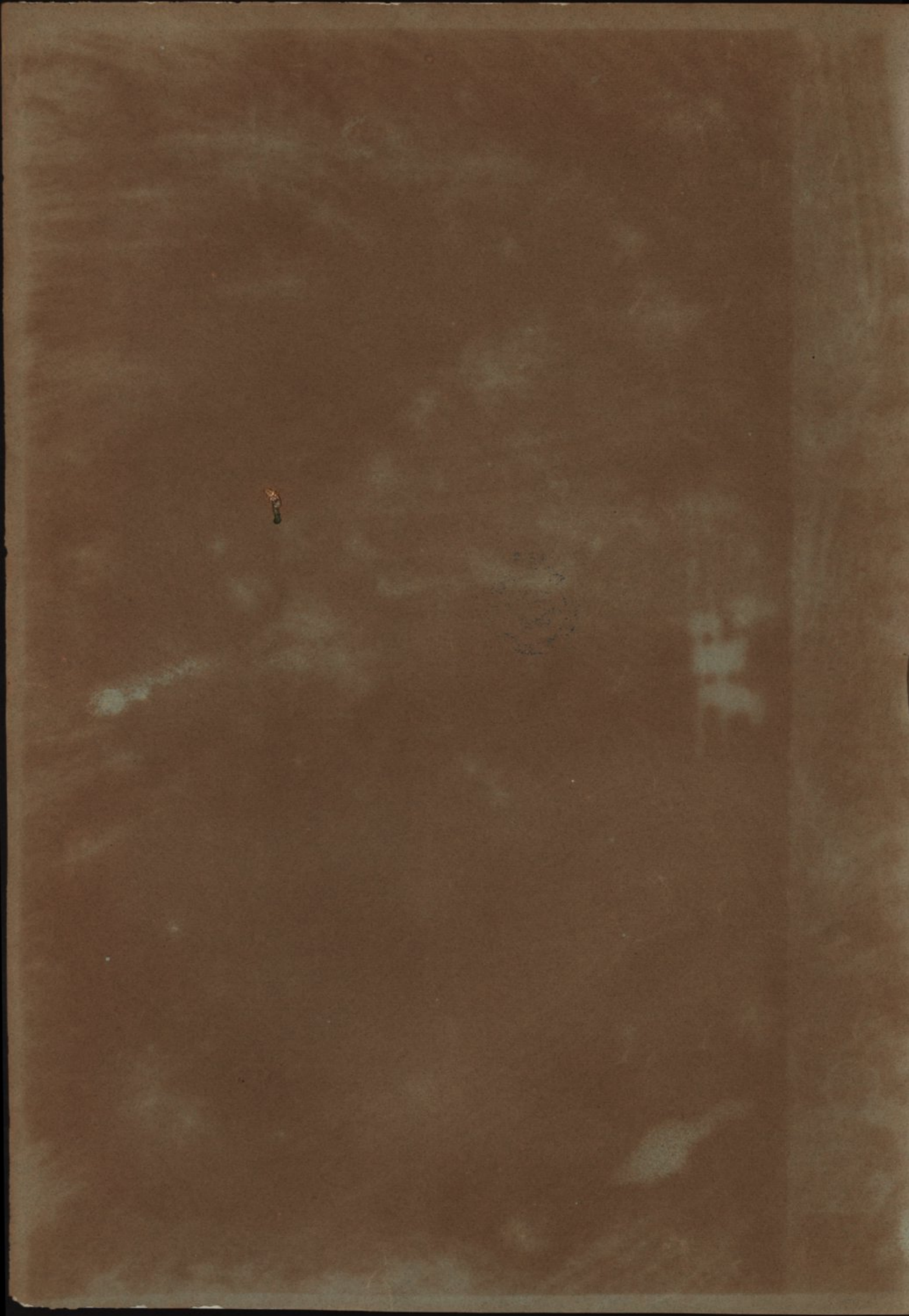


	PAG.		PAG.
Itinerario da viagem do major Serpa Pinto, do Atlantico ao Oceano indico (Mapa)	5	Cora	181
Os macacos no jardim de Jacintho d'Amoriz	7	Cerrado de Belmonte	184
Moskow: Vista geral do Kremlin	11	Rio d'Elmina	189
Uma sala do Terem	13	Mulheres d'Elmina	192
Cabanas de caçadores	15	Penteados d'Elmina	193
Mulher fetiche	17	Thomar — Castello dos Templarios	197
O major Serpa Pinto	21	Homens e mulheres do Bihé	201
Partida da Caravana	25	Feitoria italiana em Lagos	205
Arvore fetiche	27	Agnis d'Assinia	208
Marabuto	28	Velho Agnis d'Assinia	209
Rapariga do Grã-Bassam	29	Capella de S. João Baptista na Igreja de S. Roque em Lisboa	213
Os tres sovas, principes do Dombe	38	Augusto, de joelhos, diante do major Serpa Pinto	217
Itinerario do major Serpa Pinto, de Benguella ao Bihé (Mapa)	40	Verissimo	220
O rei do Grã-Bassam, rodeado da sua côrte e dos seus musicos	45	Fernando Pó: Ilhota Henrique, presidio dos deportados politicos	224
Campo entrincheirado no Grã-Bassam	48	Bahia Santa Isabel, (ilha de Fernando Pó)	225
Interior do campo	49	O talisman esmigalhado	229
Forte de Quilengues	53	Uma casa hollandeza em Ternate	232
Duas mortes com um só tiro	56	Mesquita de Ternate	233
Padre russo	61	O rio Dodinga	236
Porta da Resurreição na praça Vermelha em Moskow	64	Vivenda em Fernando Pó	237
Casa russa do Sul	65	Monsenhor de Bessieux, bispo das duas Guinés	240
Claustro do convento dos Jeronymos em Belem	69	Pico de Fernando Pó	241
Efeitos d'uma bala explosiva roubada	77	O lago Liguori	261
Sahida do sova Chibarandongo	79	Kimalaya, professor d'esgrima	265
Kazan: Convento	81	Nirou, Alfuero de Dodinga	268
Um advogado russo	83	Militares russos	272
Interior da Casa d'Anchietta	85	O piloto José e alguns Bulus	276
Caconda	88	Vi os meus negros espantados e fugindo	277
Cobra	89	Homens e mulheres Louchazés com os seus utensilios	280
Peregrinos Bambaras	96	Alfuros de Galila vindo photographar-se	284
Cantou Kan, chefe d'Abra	97	Hassan e seu filho Idriss	285
Quingolo	101	Edificio das missões no Gabão	289
Bando de raparigas	105	Augusto e seu companheiro conduzem o major para um lugar mais secco	293
Igreja de S. Vassali, na praça Vermelha em Moskow	109	Castigo de Chaquiconde	296
Mosteiro de Semeonof em Moskow	112	A minha vivenda em Dorey	304
O Kremlin de Kazan	113	Desembarcadouro do rei Luiz	305
Estatua equestre de D. José I, na praça do Commercio em Lisboa	117	Educandos da missão do Gabão	307
Homens Mondombes	120	Terceira entrevista com o rei Lobossi	309
Marimbas	120	Uma carta d'amor	312
Templo da conversação	121	Povoação e habitantes de Salwaty	316
Homem e mulher do Huambo	121	Payzagem de Dorei: Papus lançando á agua as suas pirogas	317
Vista de Kazan	128	Um indigena do Gabão	320
Igreja de velhos crentes em Kazan	129	O rei Lobossi	325
Porto da Lenha	133	Visita do doutor	328
Cubatas Mondombes	136	Uma rapariga do Gabão	332
Em cima d'um boi	136	Um templo de Dorey	333
O major faz fogo sobre o sova Dudombo	137	A povoação d'Aiamboi	337
Assinia	144	Tentativa d'assassinato	341
Assinia, vista tirada da planicie	145	Mulheres Luinas	348
O major Serpa Pinto lança por terra e desarma Palanca	149	Divindades papus	349
O século que me deu um porco	152	Mulheres Mafors	352
Mulheres Guanguelas das margens do Cubango	152	Intreprete Pahuin	353
O major e o feiticeiro	153	O ataque ao campo	357
Vista de Lagos	160	A caça dos patos	360
Rapaz do Dahomey	161	Pahuin	361
Mulher do Sambo	166	Descida dos guerreiros Arfaks a Dorey	365
O meu acampamento entre o Sambo e o Bihé	166	Rapariga Arfak	368
No Pantano	168	Trahido!	373
A nado	169	Desespero	376
Amadifou e a sua côrte	173	Porto de Libreville no Gabão	381
Matafoué, chefe de Toufa	176	Guerreiros e mulheres Fans	384
Chefe de Policia na Assinia	177		
Castor, interprete (Buchman)	177		

FIM

34. *Ariscoula Penabra*







-2 JUN 1974

LISBOA
Empreza Litteraria Luzo-Brazileira-EDITORIA

AVOZZA DO
MUNDO

VOL.
I

Sala B
Est. 1
Tab. 6
No. 12

